Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Plutarco

Vidas de Galba e Otão

Tradução do grego, introdução e notas
José Luís Lopes Brandão

CECH

Plutarco

Vidas de Galba e Otão

Tradução do grego, introdução e notas de

José Luís Lopes Brandão
Universidade de Coimbra

COMPETE

QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007.2013

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Plutarco
Título: Vidas de Galba e Otão
Tradução do grego, introdução e notas: José Luís Lopes Brandão

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Edição: 1ª/2010

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733
3000-447 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-48-7
ISBN Digital: 978-989-8281-49-4
Depósito Legal: 314208/10

Obra Publicada com o Apoio de:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA
POCI/2010

SoPlutarco
Sociedade Portuguesa de Plutarco

Volume integrado no projecto ***Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*** e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Índice

Nota Prévia

As *Vidas de Galba e Otão*, aqui apresentadas em tradução no âmbito do Projecto Plutarco, representam a porção que sobreviveu na íntegra das *Vidas dos Césares* do Queronense – colectânea que abarcaria os sucessivos imperadores romanos, a começar em Augusto e a terminar em Vitélio.

Trata-se das *Vidas* de dois ilustres romanos ligados à história da Península Ibérica: Galba foi governador da Hispânia Tarraconense nos últimos oito anos de Nero e aí foi aclamado imperador (em 68 d.C.); Otão desempenhou (de forma exemplar, segundo as fontes) o cargo de governador da Lusitânia, durante cerca de dez anos, até que se uniu a Galba na revolta contra Nero, seu antigo amigo.

A tradução baseia-se na edição de Ziegler (*Plutarchi, Vitae Parallelae*. Vol. III. Fasc. 2. *Accedunt Vitae Galbae et Othonis et Vitarum deperditarum fragmenta*, Leipzig, Teubner, 1973). Quanto aos nomes

das obras citadas procura-se adoptar, na medida do possível, as abreviaturas dos dicionários de Liddell and Scott (*Greek-English Lexicon*), para os autores gregos, e de Glare (*OLD*), para os autores latinos.

Cumpre-nos agradecer à FCT e ao CECH o enquadramento institucional e o apoio prestado; ao Doutor José Ribeiro Ferreira a revisão da tradução; ao Doutor Delfim Leão, responsável pelo Projecto e pela biblioteca *on line Classica Digitalia*, as muitas sugestões para melhoramento do texto e o acompanhamento da edição; e ao Dr. Nelson Henrique o paciente trabalho de formatação e edição.

Introdução

O contexto histórico

A partir do momento em que Nero perdeu o apoio do senado, do povo, dos exércitos e dos pretorianos, estava aberto o caminho para a guerra civil que havia de se estender pelo ano e meio a seguir à morte do último representante da dinastia júlio-cláudia, em Junho de 68 d.C. Neste breve trecho, desfilaram em Roma quatro imperadores: Galba, Otão, Vitélio e, por fim, Vespasiano, o único que se impôs e deu início à dinastia dos Flávios. A revolta contra Nero tinha estalado na Gália, na Primavera de 68 d.C., com Víndex. Mas, se este governador da Gália Lugdunense, de ascendência gaulesa, não punha em risco o trono do filho de Agripina – por enquanto, a Urbe estava habituada a ter *principes* da mais pura nobreza romana –, quando Galba, a convite de Víndex, se aliou à revolta, a situação tornava-se mais séria: o velho general, que então governava a Hispânia, era oriundo de uma linhagem de distintos políticos do passado; tinha sido próximo da casa de Augusto, através do favor de Lívia; prestara grandes serviços e acumulara honras nos principados de Calígula e Cláudio; dera provas de possuir excepcionais dotes administrativos e rigor no governo das províncias; era um paladino dos costumes antigos – não fora a sua idade avançada e o facto

de não ter filhos e encarnaria o príncipe ideal. A ameaça da guerra civil paira, e o primeiro a cair é justamente Víndex, derrotado por Virgínio Rufo, comandante da Germânia Superior, numa batalha talvez forçada pelos soldados. Porém, o movimento já estava em marcha: rapidamente a revolução atinge o coração do Império: os pretorianos abandonam Nero e o senado declara-o inimigo público, empurrando, assim, para o suicídio o último dos Júlio-Cláudios. E eis que Galba, reconhecido pelo senado, faz a sua caminhada triunfal para Roma.

Mas os tempos tinham mudado. A parcimónia de Galba, elogiada por Tácito, leva-o a tomar, quando imperador, atitudes de contenção que geram descontentamento, como o facto de não atribuir aos soldados o donativo que o prefeito do Pretório, Ninfídio Sabino, lhes tinha prometido, para os convencer a abandonarem Nero e prestarem o seu juramento a Galba. As medidas do novo imperador acabam por ser interpretadas como sinais de avareza de carácter, que, aliada a uma actuação incoerente e venal, levada a cabo pelos poderosos libertos (Vínio, Lacão, Ícelo), gerou o descontentamento de todas as ordens e das tropas.

O exército da Germânia Superior agitava-se por se ver defraudado nas suas aspirações, depois de ter vencido Víndex, e por o seu popular comandante, Virgínio Rufo, ter sido substituído de modo pouco honroso (depois de haver recusado o cargo de imperador que os soldados lhe ofereciam). Rejeitavam, pois, um imperador eleito na Hispânia. A revolta alastrou ao exército da Germânia Inferior, comandado por Aulo Vitélio, que, embora

dado aos prazeres da comida e da bebida, era da mais ilustre cepa de Roma; ele próprio próximo de Calígula, de Cláudio e de Nero[1].

Pensava Galba que o problema era o facto de ser idoso e de não ter filhos, pelo que tratou de adoptar um jovem nobre, que seria o seu sucessor. A escolha de Galba acabou por recair, contra a opinião dos seus libertos, sobre L. Calpúrnio Pisão Frúgi Liciniano, jovem ilustre que dava provas de grande elevação moral, mas pouco conhecido. Ao fazer tal escolha, Galba estaria a pensar no interesse do Estado, mas o exército preferia Otão, um antigo amigo de Nero, de carácter licencioso e perdulário. Sendo então governador da Lusitânia, para onde Nero o afastara, talvez por razões passionais relacionadas com Popeia Sabina, logo se associou à revolta de Galba e esperava vir a ser por este adoptado, pelo que não se poupava a despesas para conciliar o favor dos pretorianos.

Ao desapontamento de Otão, por ter sido preterido, associou-se o ressentimento dos pretorianos, por Galba nem sequer então lhes conceder o donativo, ao anunciar a adopção diante da parada. Em poucos dias, como nota Plutarco, o golpe foi perpetrado de uma forma um tanto temerária: era de tal modo reduzido o número de soldados que aclamaram primeiramente Otão no Foro, que o próprio acreditava que estava perdido. Mas, no caminho, outros se lhes juntaram e, uma vez no aquartelamento, a generalidade dos soldados foi-se aliando por inércia, por medo ou por convicção.

---

[1] Cf. Suetónio, *Vit.* 4-5.

Nesse mesmo dia, 15 de Janeiro de 69 d.C., Galba e Pisão foram assassinados no Foro e, com eles, outros apoiantes.

O novo príncipe conseguiu granjear o favor do senado e do povo ao castigar Tigelino, o prefeito do pretório culpado de muitas atrocidades durante o principado de Nero, e ao proceder com moderação e justiça. Mas o clima de insegurança era perpetuado pelos próprios soldados que quase levaram a cabo uma matança de senadores, a pretexto de que estes conspiravam contra o novo imperador. Paralelamente, havia o problema de Vitélio, entretanto também aclamado imperador. Como não foi possível um acordo entre as duas partes, a guerra estava de novo no horizonte.

Os exércitos encontraram-se no norte de Itália e a batalha principal deu-se em Betríaco, pequena cidade perto de Cremona. Embora as circunstâncias aconselhassem a esperar, Otão, incapaz de suportar por mais tempo um desfecho, ou pressionado pelos soldados, que desejavam travar combate e regressar a Roma, ordenou o ataque, enquanto ele próprio se retirava para Brixelo com um poderoso contingente militar, cometendo assim mais um erro crasso. A batalha, embora desfavorável para Otão, ocorreu de forma difícil de esclarecer, e os relatos divergiam, pelo que o resultado não se apresentava definitivo. Além disso, estavam a caminho tropas da Mésia. Mas Otão tomou uma decisão que havia de ser unanimemente considerada a mais nobre da sua vida: decidiu sacrificar-se em prol do Estado, para que não houvesse mais guerra

civil por sua causa. Considerava que, vivo, não seria tão útil à *res publica* como o seria a sua morte, geradora de concórdia. E, depois de tratar da salvaguarda dos senadores e amigos que com ele estavam, suicidou-se, trespassando o peito com um punhal. O seu funeral torna patente a devoção dos soldados.

De qualquer modo, o problema não foi sanado. No Oriente, as tropas aclamaram Vespasiano, que antes se tinha mostrado favorável a Otão. Eclodiu de novo a guerra e, em Dezembro de 69 d.C., Vitélio era linchado no Foro. A estabilidade veio com a dinastia dos Flávios, que se finaria em 96, com o assassínio de Domiciano. Mas para este período não podemos contar com o testemunho de Plutarco, pois a *Vida de Vitélio* perdeu-se, tal como as suas restantes *Vidas dos Césares* de Augusto a Nero.

A tentativa de interpretação da crise

Um período tão terrível, e ainda próximo, na altura em que Plutarco relatava os factos, leva os autores a buscarem as razões da crise. A parte perdida das *Vidas dos Césares* poderia esclarecer-nos mais sobre os objectivos do autor. Mas, no primeiro capítulo da *Vida de Galba*, Plutarco atribui as culpas da situação aos impulsos irracionais dos soldados, que põem à prova o carácter dos generais, e à sua avidez desenfreada[2]. Sendo grego de formação, Plutarco serve-se como termo de comparação para os acontecimentos, não de episódios

[2] Vide Scuderi, 1995, 405-406.

das lutas civis do final da República (como faz Tácito[3]), mas da realidade greco-helenística[4]. Recorre, pois, aos exemplos de Ifícrates e de Emílio Paulo para salientar a necessidade de que o exército siga os seus comandantes, o que pressupõe naturalmente que estes devem possuir experiência militar, conseguem avaliar as tropas e sabem com exactidão o que pretendem delas. Caso contrário, fracassarão, como acontecerá com Hordeónio, o general que irá substituir Virgínio Rufo no comando do exército da Germânia Superior. Na sua análise dos acontecimentos, De Blois coloca a tónica na liderança, ou falta dela[5]. Para este autor, Plutarco procura demonstrar que os perigos resultantes dos exércitos (salientados no início da *Vida de Galba*) são o efeito da deterioração da disciplina, causada pela actuação de maus líderes: uma série de erros cometidos por Galba e pelos seus ministros corruptos; depois, por Otão; pelos comandantes da Germânia, Virgínio Rufo e Hordeónio Flaco, como também pelos prefeitos do Pretório. Tal incapacidade de liderar com eficácia abria a porta a usurpadores. Plutarco transita deste assunto para o seu mestre Platão (*R.* 376c), para pôr a tónica na natureza nobre e na educação filosófica, como garantes da combinação da virtude da obediência com a coragem, de modo a evitar os impulsos rudes e irracionais como os das forças militares romanas em 68-69 d.C. Evoca, por isso, o exemplo do exército macedónio, comparado por Demades ao Ciclope cego, pelas movimentações desordenadas que

[3] Cf. *Hist.* 1.50; 2.6, entre outros passos.
[4] Como assinala Schettino, 2005, 358-359.
[5] Vide De Blois, 2008, 6 ss.

fazia depois da morte de Alexandre. Além disso, as lutas que ocorreram no Império são também comparadas ao combate dos Titãs. E os imperadores são associados a tiranos cénicos que se sucedem no palco como actores, porque os objectivos nobres da revolta contra Nero foram pervertidos: e o primeiro a cair foi justamente Ninfídio Sabino, o prefeito do pretório que corrompeu os soldados, para mais com um pagamento impossível de reunir[6]. Segundo esta noção trágica da história, os príncipes que se vão seguir, por mais que façam, cairão como os heróis trágicos, devido a forças que não podem controlar. Mas esta história trágica tem uma intenção moralizante.

Para o religioso Suetónio, a par do carácter das personagens históricas, a tónica é colocada no fim de um ciclo, bem delimitado pelo destino, como o será, depois, o tempo da dinastia dos Flávios, determinado logo no início da *Vida de Vespasiano* (*Ves*. 1.1). Este autor começa precisamente a *Vida de Galba* com a queda da casa dos Césares (da *progenies Caesarum* - e não apenas de Nero), prevista desde o princípio e anunciada com *signa euidentissima*. Recuando ao momento da fusão dos Júlios com os Cláudios, pelo casamento de Augusto e Lívia[7], Suetónio conta a história da galinha branca que uma águia (ave associada ao poder supremo[8]) deixou cair no regaço de Lívia. A galinha, matriarca de vasta prole

---

[6] Vide Stadter, 2005, 419-435; De Blois, 2008, 5-13.

[7] Vide Murison, 1992, 26. Muita da informação sobre Suetónio é recuperada de Brandão, J.L. 2009, *passim*.

[8] Cf. Suetónio, *Aug.* 94.7; 96.1; 97.1; *Tib.* 14.4; *Cl.* 7; *Gal.* 4.2; *Vit.* 9; *Ves.* 5.7.

de galináceos, trazia um ramo de louro no bico, que, depois de plantado, ficou ligado à família júlio-cláudia. Os ramos, retirados para as cerimónias dos triunfos, eram plantados de novo no lugar[9]. De cada vez que morria um imperador secavam as pernadas que tinha plantado. Verificou-se que, no último ano de Nero, secou toda a moita e morreram todas as galinhas - diz Suetónio, exagerando, para demonstrar o seu ponto de vista[10]. O biógrafo latino salienta através destes sinais sagrados o tremendo impacto psicológico que o fim da linhagem de Augusto teve sobre os Romanos[11]. Além disso, acrescenta que o templo dos Césares foi atingido por um raio (*tacta de caelo*) e o ceptro foi arrebatado das mãos de Augusto, prodígio cujo simbolismo é evidente. Acabado o tempo que os deuses destinaram a esta dinastia, havia que

[9] Plínio, *Nat.* 15.136-137, diz que são os harúspices que aconselham Lívia a preservar a galinha e a sua descendência e a cuidar religiosamente do ramo. Para Flory, 1988-1989, 343-356, trata-se de uma manobra da propaganda de Augusto para fazer face à hostilidade pública. Segundo Díon Cássio, 41.39.2, também na altura em que Júlio César se preparava para a campanha contra Pompeio, no final de 49 a. C., um milhafre deixou cair um ramo de louro sobre um dos homens que estavam com ele no foro. O prodígio teria inspirado Octávio a imitá-lo uma década mais tarde, quando se encontrava em guerra com Sexto Pompeio: um conflito que tinha tornado o herdeiro de César impopular pelo embargo no fornecimento de trigo. Além disso, era uma forma de legitimar o casamento com Lívia, que seria escandaloso (Lívia era casada e estava grávida de seis meses) e levantaria rumores, como prova o facto de António encontrar nessa circunstância motivo para a sua propaganda.

[10] Tal afirmação é desautorizada por Plínio, *Nat.* 15.137, que assegura, no tempo dos Flávios, que as plantas continuavam vivas Vide Murison, 1992, 27.

[11] Como nota Flory, 1988-1989, 347.

começar de novo. Assim, Suetónio vai multiplicar os presságios, em consonância com este prefácio: na *Vida de Galba* são particularmente numerosos, quer no que toca à ascensão, quer à sua queda[12]; e incluem palavras do próprio fundador do principado[13], e de Tibério, que lhe prognostica o império numa idade avançada, pelo que não o considera uma ameaça ao seu poder[14]. Um papel importante será atribuído à Fortuna, cujo favor garante a ascensão de Galba[15] e o desfavor lhe provoca a queda[16], sendo ambas as situações anunciadas através de sonhos.

Para o historiador Tácito, os conflitos surgiam devido a tensões sociais, a sentimentos diversos nos vários sectores da sociedade romana. Entre as legiões e seus comandantes, foi revelado um segredo do império - «o *princeps* podia ser

[12] Vide Gascou, 1984, 447-450.

[13] O dito, transmitido em grego, é irónico, se considerarmos que Galba é o principal agente do fim da dinastia júlio-cláudia: «também tu, meu filho, hás-de provar do nosso poder» (*Gal.* 4.1). Lembra as palavras de César a Bruto, nos Idos de Março de 44 a.C. Tácito, *Ann.* 6.20.2, e Díon Cássio, 57.19.4, atribuem a frase a Tibério.

[14] *Gal.* 4.1. Cf. Díon Cássio, 57.19.4.

[15] A Fortuna aparece a Galha em sonhos a reclamar hospitalidade diante da sua porta, na altura em que este assumia a toga viril. Ao despertar, encontra uma estátua da deusa à entrada e consagra-lhe uma divisão da casa na propriedade de veraneio de Túsculo (Suetónio, *Gal.* 4.3). Díon Cássio, 54.1.2, coloca este sonho no período da revolta contra Nero. Será uma efabulação da propaganda, na altura em que tentava conquistar o poder, ou uma história posterior, elaborada a partir da devoção de Galba pela deusa Fortuna. Durante o principado, a Fortuna é, com a Vitória, um destacado atributo da casa imperial; vide Murison, 1992, 35.

[16] Suetónio, *Gal.* 18.2.

aclamado em outro lado que não em Roma» (*Hist.* 1.4.2) – abriu-se assim uma brecha no sistema que tornava o império frágil, pois facultava o caminho a usurpadores. O problema em questão é a investidura imperial[17]. A oposição passado/presente, em termos de degeneração, é um factor determinante para o historiador: constata que os pretorianos já não suportam a austeridade de Galba e desprezavam a antiga disciplina, habituados que estavam aos vícios de Nero (*Hist.* 1.5.2).

Entre a História e a Biografia

As *Vidas dos Césares* de Plutarco parecem estar mais próximas da história, como era entendida pelos antigos, do que as *Vidas paralelas*[18]. E, no que toca ao conteúdo das *Vidas* de Galba e Otão, o biógrafo de Queroneia está mais próximo do historiador Tácito do que do biógrafo Suetónio[19]. O próprio Plutarco, fazendo eco de Políbio (1.2.8), admite, em *Galba* 2.5, que a narrativa exacta e circunstancial pertence à «história pragmática» (*pragmatike historia*), ou história política, mas os incidentes que tiveram influência nos feitos (*erga*) e sofrimentos (*pathe*) dos Césares não podem ser passados em claro numa biografia. No caso destes imperadores, a *praxis*, objecto da história, tem influência sobre o *pathos*, de

[17] Vide Scuderi, 1995, 405; Schettino, 2005, 354-355.

[18] Vide De Blois, 2008, 7 e n. 10. De resto, segundo Hershbell, 1997, 235, as *Vidas* de Plutarco parecem estar mais próximas da história do que é por vezes reconhecido.

[19] Vide Flacelière e Chambry, 1979, 140ss.

que trata a biografia e que a aproxima da "história trágica"[20].

O reconhecimento de que é uma cedência a factos que informam a história política remete-nos imediatamente para a distinção que Plutarco estabelece no início da *Vida de Alexandre*, onde procura delimitar a historiografia da biografia: enquanto aquela relata as grandes empresas, a biografia prende-se com factos menores, como uma simples palavra ou gesto — historicamente pouco significativos, mas mais importantes para iluminar o carácter do que grandes batalhas, preparativos militares, assédios de cidades. Plutarco desculpa-se, deste modo, das omissões de certos factos históricos com a necessidade de ser selectivo e de se cingir ao essencial: as características individuais. Está interessado sobretudo nas acções dos biografados enquanto manifestações de virtudes e de vícios. A preocupação com o carácter (*ethos*) prende-se também com o facto de Plutarco pretender oferecer paradigmas de comportamento, de modo a promover, como sugere o autor no início da *Vida de Péricles* (1-2), a imitação (*mimesis*), conceito importante para Plutarco[21].

A verdade é que a biografia aplicada aos imperadores é algo de inovador[22]. O género biográfico

[20] Vide Hershbell, 1997, 239; Tagliasachi, 1960, 34 125-142.

[21] Hershbell, 1997, 225-243. Diz este autor (p. 238): "In brief, for Plutarch, good Platonist that he was, poetry and other forms of «imitation» such as historical and biographical writings, exercised strong psychological effects on their readers, and could be used for educational purposes, especially for moral improvement."

[22] Como salienta Stadter, 2005, 421.

parece ser o mais indicado para historiar o governo da Roma imperial, em que havia coincidência das instituições do Estado com a pessoa do imperador: pelo que as qualidades do carácter do príncipe — as virtudes e os vícios — se reflectem na condução da história. Se, durante a República, se fixava a história à volta da rotação anual dos magistrados, com o Império, a unidade política é definida pela duração de cada principado; e o registo dos acontecimentos tem como protagonista não tanto o *senatus populusque Romanus* como a figura do *princeps*, com os seus vícios e virtudes. O senador Tácito, na linha dos historiadores, ainda vai patenteando algum saudosismo republicano, mediante uma contraposição moralizadora entre passado e presente, virtude e decadência moral; mas a administração imperial evoluiu por um caminho que não tem retorno: a extensão do império territorial parece servir de pretexto para uma forte centralização política[23]. O método antigo dos *Annales* começa a revelar-se desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores[24]. Assim, o próprio Tácito torna manifestas as dificuldades por que passava, naquela época, a historiografia tradicional: por ignorância ou por alheamento dos cidadãos em relação às decisões políticas, por adulação ou por ódio aos chefes, a verdade é atraiçoada; e os relatos para a posteridade ficam marcados pela hostilidade ou pelo servilismo[25]. Corria-se sempre o

[23] Vide Bradley, 1985, 265.

[24] Com o Império, tornava-se impraticável respeitar o princípio historiográfico de Catão de fazer história dos acontecimentos sem nomear os protagonistas; cf. Cornélio Nepos, *Ca.* 3.4.

[25] *Hist.* 1.1.

risco de escrever a palavra errada, ou de ser interpretado de forma hostil[26]. Por outro lado, Tácito reconhece que, num Império pacificado e não expansionista, a falta de matéria nobre da antiga historiografia (guerras infindáveis, expugnações de cidades, destituição de reis, lutas sociais) obriga os historiadores a lançarem mão de assuntos que, tradicionalmente, eram objecto da biografia[27]. Esbatem-se assim os limites entre dois géneros, teoricamente considerados distintos no conteúdo e no estilo, mas que, na prática, não tinham fronteiras bem definidas[28].

Suetónio irá, no tempo dos Antoninos, servir-se da biografia para tratar os imperadores anteriores a estes (e de modo favorável à dinastia[29]). Será de crer que Plutarco tenha feito algo do género a terminar no período que antecede o novo ciclo aberto pelos Flávios. Com efeito, As *Vidas dos Césares* poderão ter sido redigidas no tempo de Domiciano[30], ou mesmo durante o principado de Vespasiano, a partir de fontes contemporâneas – fala-se de

---

[26] Basta lembrar, no principado de Domiciano, as consequências que as *laudationes* de Peto Trásea e Helvídio Prisco acarretaram para os autores, Aruleno Rústico e Herénio Senecião. Cf. Suetónio, *Dom.* 10.3; Díon Cássio, 67.13.2; Tácito, *Ag.* 2; Plínio, *Ep.* 1.5. O historiador Cremúcio Cordo, segundo Tácito (*Ann.* 4.34-35), e Díon Cássio (57.24.3) foi condenado por Tibério por dizer que Cássio e Bruto tinham sido os últimos dos Romanos (Cf. Suetónio *Tib*. 61.3). Vide Baldwin, 1983, 80-81.

[27] *Ann.* 4.32-33. Para Díon Cássio já não existe este dilema: organiza a sua obra segundo o esquema analístico, mas não hesita em usar elementos biográficos. Vide Giua, 1990, 544-550.

[28] Vide Hershbell, 1997, 236.

[29] Cf. *Dom*. 23.2.

[30] Esta a datação proposta pela maioria: vide Scuderi, 1993, 408; Little e Ehrhardt, 1994, 3-4; Schettino, 2005, 353.

uma fonte perdida comum ainda a Tácito e a Suetónio[31]. E parece provável que fossem dedicadas a Méstrio Floro, filelenista influente na corte e responsável pela concessão da cidadania romana ao nosso autor[32], como também Suetónio haverá de dedicar as suas *Vidas dos Césares* a Septício Claro, prefeito do pretório de Adriano.

Nas *Vidas* de Galba e de Otão, Plutarco parece, pois, fazer concessões à história, dada a natureza das acções que rodearam o aparecimento de quatro imperadores em tão curto espaço de tempo. O predomínio das questões militares e o papel determinante dos soldados é destacado na introdução à *Vida de Galba*. Os soldados apercebem-se da sua força e do seu papel na condução da política imperial[33]. Trata-se de uma época de guerra civil e de alguma anarquia, temida pelos oficiais da Germânia, factor que os leva a proporem a aclamação de Vitélio (*Gal.* 22.5). Parece, de algum modo, uma

---

[31] Vide Stadter, 2005, 428-432; Godolphin, 1935, 324-328; Flacelière e Chambry, 1979, 133-152**.** Plínio o Velho e Clúvio Rufo são fontes possíveis. Plutarco menciona Clúvio Rufo e Júlio Secundo, o *ab epistulis* de Otão. Outros autores têm sido referidos, mas o resultado é até à data inconclusivo. E grandes autores, como Plutarco, não seguiam forçosamente um único autor, mas sabiam seleccionar material de proveniência variada, imprimindo-lhe um estilo original, como nota Scuderi, 1993, 408.

[32] Como mais tarde as *Vidas Paralelas* são dedicadas a Sósio Senecião. Vide Stadter, 2005, 428-432.

[33] Situação que já se vinha manifestando, como salienta Scuderi, 1995, 405-406: o exército da Germânia Inferior, à morte de Augusto, aclamara Germânico; depois do assassínio de Calígula, os pretorianos impuseram Cláudio, contra a vontade do senado; por altura da morte de Cláudio, Agripina tratou de que o filho fosse aclamado pelos pretorianos; as legiões da Germânia ofereceram o império a Virgínio Rufo, e só a recusa deste deixou o caminho livre para Galba.

antecipação da anarquia militar que se gerou no séc. III, depois da queda dos Severos, em que os usurpadores se multiplicavam pelo império. Tornam-se patentes as rivalidades, geradoras de instabilidade, entre as unidades militares: entre os exércitos provinciais (*Galba* 22.8) e entre estes e os pretorianos (*Otho* 6.1-4). A hostilidade de Plutarco para com a guarda pretoriana determina a descrição que faz deste corpo militar, amolecido pela vida da cidade e pela falta de experiência de guerra (*Otho* 5.8; 9.1; 12.9). Esta é uma das causas sugeridas para a perda de Otão (*Otho* 9.1): apesar da devoção dos soldados pelo imperador, grassa a arrogância, a indisciplina, a desobediência a oficiais superiores (*Otho* 6.1-4). A saudade da vida fácil gera ansiedade de travar combate (*Otho* 9.1). A aversão do autor torna-se manifesta quando apelida os pretorianos de *misthophoroi*, sugerindo assim que eram comprados (*Otho* 3.3) – trata-se do preconceito da literatura grega contra os soldados mercenários[34]. Tornavam-se instrumentos para os usurpadores, que não olhavam as despesas. A revolta de Otão contra Galba era temerária - não ocorreu no campo todo. Inicialmente só alguns soldados estavam a par, e podia ter fracassado: ninguém acreditou no sucesso. Como atrás se dizia, o próprio Otão, quando se deu conta do número exíguo dos que o aclamavam, julgou estar perdido. A anterior tentativa do prefeito Ninfídio Sabino correu mal e ele foi morto. Parece existir nestas *Vidas* uma tensão entre o elogio da elevação de carácter de Virgínio Rufo e de Pisão e o reconhecimento realista da incapacidade destes

[34] Como assinala De Blois, 2008, 5 e n. 3.

para fazer face aos problemas do momento, que exigiam uma liderança forte e determinada. A Virgínio é quase censurado o recato (*Gal.* 10.7) e o receio (*Otho* 18) em assumir o poder para que era solicitado.

Evidenciam-se notórias diferenças de método, na selecção e no uso de material, relativamente ao biógrafo Suetónio: como se trata de *Vidas* coincidentes a comparação torna-se inevitável. Desde logo, as *Vidas* de Galba e Otão em Plutarco apresentam-se continuadas (o que faz supor que as restantes *Vidas dos Césares* perdidas também o seriam), um procedimento diferente do adoptado por Suetónio. A *Vida de Otão* começa no exacto momento em que terminara a anterior, com a subida do biografado ao trono, como uma espécie de epílogo da *Vida de Galba*[35], ao passo que Suetónio redige *ab initio* cada *Vida*, a começar pela rubrica dos antepassados, além de repetir os acontecimentos comuns ou repartir a informação sobre determinado acontecimento, segundo é pertinente para a biografia de um César ou de outro: a revolta do exército da Germânia, em Janeiro de 69, diz respeito à biografia de Galba, e de Vitélio; o assassínio de Galba às *Vidas* de Galba e de Otão; a guerra entre Otão e Vitélio interessa, em simultâneo, às respectivas biografias[36]. Plutarco descreve operações militares, como é o caso das vicissitudes que conduziram à batalha de Betríaco e as circunstâncias irregulares em que esta foi travada (*Oth.* 5-14), indicando inclusive que visitou os lugares na companhia de Méstrio Floro. Suetónio,

---

[35] Como sugere Schettino, 2005, 355.
[36] Vide Venini, 1974, 998.

apesar de ter também uma fonte próxima, o próprio pai, mostra-se, como habitualmente, pouco interessado em procedimentos militares, omite os primeiros recontros e reduz a descrição da batalha de Betríaco a duas referências vagas e separadas (*Otho* 9.2 e *Vit.* 10.1), detendo-se antes nas reacções de Otão e de Vitélio.

Suetónio, seguindo um método, por assim dizer, mais estritamente biográfico, centra cada uma das *Vidas* na pessoa do biografado, pelo que tende a omitir ou desvalorizar a acção de terceiros, como o papel relevante que Plutarco atribui a Ninfídio[37] e a actividade dos generais de Vitélio e de Otão, e a cindir a informação, conforme diz respeito a um ou outro imperador. Vejamos alguns exemplos significativos. No que respeita à aclamação de Galba, enquanto, em Plutarco (*Gal.* 5.1), há, como assinala Paola Venini, um linha dupla (iniciativa de Galba, por um lado, e a iniciativa dos soldados e do povo, por outro), em Suetónio (*Gal.* 10.1.), salienta-se a iniciativa de Galba[38]: de facto, só depois de uma poderosa *mise-en-scène* de propaganda contra Nero («Diante dele, foi colocado o maior número possível de retratos de condenados e executados de Nero; e ao seu lado, de pé, estava um jovem nobre que, expressamente para este acto, mandara vir da mais próxima das ilhas Baleares, onde estava exilado») e de um discurso, em que deplora a situação dos tempos, é que é aclamado imperador.

No caso de Vitélio, Suetónio quer mostrar a

[37] Um papel muito mais determinante do que o que lhe dá Tácito, como mostra Schettino, 2005, 355-357.

[38] Vide Venini, 1974, 996-997.

total passividade do imperador, por quem parece nutrir profunda antipatia (*Vit.* 8.1). O biógrafo latino acentua a espontaneidade da aclamação e condensa os vários passos da revolta presentes em Tácito (*Hist.* 1.55-57) e Plutarco (*Gal.* 22). Assim, a aclamação de Vitélio transmitida por Suetónio é desordenada e farsesca; e recorda a de Cláudio pela passividade do imperador[39]. Também a este respeito nota Paola Venini que, enquanto em Tácito e Plutarco há duas directrizes, uma do exército e outra de Vitélio (em Tácito, a aclamação é precedida da acção de Vitélio que envia mensagens revolucionárias às legiões; em Plutarco, Vitélio já ponderara a possibilidade de assumir o poder antes da iniciativa de Valente, que o vem saudar como imperador), em Suetónio, há apenas uma directriz, que, ao contrário do caso de Galba, parte de baixo (do exército) para cima[40].

O discurso de Suetónio polarizado em torno do príncipe levará à subordinação de episódios bélicos importantes à descrição da personagem ou omissão de personagens relevantes para a história política, mas que não dizem directamente respeito ao biografado em questão. É assim que, através da narrativa centrada na personagem de Galba, Suetónio deixa de fora Virgínio Rufo; a batalha de Vesonção, entre os exércitos de Virgínio e Víndex, seguida do suicídio do último (Plutarco, *Gal.* 6); o anúncio da morte de Nero, pela boca de Ícelo, que fizera a viagem de Roma a Clúnia em apenas sete dias, e a chegada, dois dias mais tarde,

[39] Vide Martin, 1991, 229-230.
[40] Vide Venini, 1974, 997-1000; Venini,1977, 118-119.

dos mensageiros oficiais, comandados por Tito Vínio (Plutarco, *Gal.* 7)[41]. E, para manter a focagem em Galba, na altura da narrativa da morte, Suetónio omite o envio de Pisão com o objectivo de testar os sentimentos da coorte pretoriana de guarda ao palácio (Plutarco, *Gal.* 25.8). Tácito (*Hist.* 1.29.2-30.3), desenvolve longamente o discurso de Pisão aos soldados[42], como é hábito dos historiadores.

De modo semelhante, Suetónio fragmenta o relato da revolta dos exércitos que, na Germânia, levaram à aclamação de Vitélio. Plutarco (*Galba* 22) apresenta-nos um relato contínuo, que começa com a recusa em renovar o juramento a Galba (pelas calendas de Janeiro de 69), por parte do exército da Germânia Superior, continua com a subsequente comunicação do facto ao exército da Germânia Inferior e culmina com a aclamação de Vitélio, por iniciativa de Fábio Valente. Tácito, na parte respeitante a Galba, limita-se a fornecer informações essenciais (*Hist*. 1.12.1; 14.1) e deixa a exposição detalhada dos factos para o contexto da guerra entre Otão e Vitélio (*Hist*. 1.55-57). Suetónio desmembra a narração deste facto entre a *Vida* de Galba (*Gal*. 16.2) e a de Vitélio (cf. *Vit.* 8.1), pelo que em cada parte silencia os factos que não dizem respeito ao imperador em questão. Na *Vida de Galba*, conta apenas a insurreição do exército da Germânia Superior, que, defraudado das recompensas merecidas pela campanha contra Víndex e os Gauleses, é o primeiro a sublevar-se

[41] Vide Venini, 1974, 1012-1013

[42] Vide Murison, 1992, 83.

e a rejeitar um imperador eleito na Hispânia e pede aos pretorianos que elejam um imperador capaz de reunir o consenso[43]. Na *Vida de Vitélio* (*Vit.* 8.1), Suetónio, silencia o contributo decisivo da armada da Germânia Superior para a aclamação e só a seguir refere a adesão deste exército à revolta (*Vit.* 8.2), lembrando apenas de passagem que aquele corpo já recusara a obediência a Galba. Suetónio disporá os factos de acordo com o seu relevo para a definição do carácter do biografado em detrimento da narrativa cronológica, procedimento que resulta numa exposição consideravelmente diferente da de Tácito e de Plutarco[44].

Tanto Plutarco (*Gal.* 15.8) como Tácito (*Hist.* 1.37.3) acentuam o terror da entrada de Galba em Roma, precedida de uma série de mortes. Mas, ao centrar-se na pessoa do biografado, Suetónio acaba por atribuir ao imperador acções que são da responsabilidade de outrem. Afirma, pois (*Gal.*11), que Galba não retoma a toga antes de esmagar os revoltosos: o prefeito do pretório Ninfídio Sabino e os legados da Germânia, Fonteio Capitão, e de África, Clódio Macro. Mas, Plutarco (*Gal.* 14-15) mostra que Ninfídio foi morto pelos soldados no campo

---

[43] Suetónio, *Gal.* 16.2. Segundo Tácito (*Hist.* 1.12.1), as legiões da Germânia Superior entregavam a eleição ao senado e ao povo romano, para atenuarem o carácter insurreccional do movimento. Venini, 1974, 999-100.

[44] Parece-nos estranho que, na *notice* destas *Vidas* de Plutarco, na edição de Les Belles Lettres, se interprete esta diferença de método simplesmente como um discurso "assez lâche, souvent vague e diffus": vide Flacelière e Chambry, 1979, 141.

pretoriano, e Galba limitou-se a ordenar a execução dos cúmplices que não morreram com ele. Quanto a Fonteio Capitão, Tácito (*Hist.* 1.7.1) diz que foi morto por Cornélio Aquino e Fábio Valente, sem que estes tivessem recebido instruções para tal, e que corria o rumor de que o assassinaram por não conseguirem persuadi-lo a revoltar-se. Numa posição intermédia se parece colocar Plutarco (*Gal.* 15.3), quando afirma que Galba eliminou Fonteio na Germânia através de Valente. Destes só Clódio Macro, que causava agitação por sua conta em África (Plutarco, *Gal.*6.1-2; 15.3), terá sido condenado por ordem directa de Galba (cf. Tácito, *Hist.*1.7.1; 1.11.2; 4.49)[45].

Quanto aos discursos ficcionais, característicos da historiografia, Plutarco segue o mesmo procedimento, como se vê por diversos passos. Um exemplo será o discurso de Otão no momento em que, depois da batalha de Betríaco, decide pôr fim à vida, para que a guerra civil se não prolongue: Plutarco (*Oth.* 15. 4-8), Tácito (*Hist.* 2.47) e Díon Cássio (64.13) transmitem as mesmas ideias (recolhidas da fonte comum), mas elaboradas com exemplos pessoais. Suetónio, que não compõe discursos, mas recolhe ditos célebres, relata apenas que Otão «proclamou que "não mais exporia ao perigo homens daquela envergadura e que tão bem o serviram"» (*Otho* 10.1).

---

[45] Vide Murison, 1992, 60-61; Little e Ehrhardt, 1994, 64-65.

As mortes - relatos exemplares

A narrativa da mortes é a *acme* das *Vidas*: o momento da revelação do *ethos*; e é, por isso, tratado com especial cuidado. Na manhã do dia em que foi assassinado, 15 de Janeiro de 69 d.C., Galba fazia um sacrifício no Palatino, diante do templo de Apolo, construído por Augusto (Tácito, *Hist.* 1.27.1; Plutarco, *Gal.* 24.5; Díon Cássio, 64.5.2)[46]. Suetónio (*Gal.* 19) faz silêncio sobre a presença de Otão no ritual. Do mesmo modo omite o relato da apressada aclamação de Otão no Foro, por iniciativa de uns poucos soldados, e a entrada do futuro imperador no campo pretoriano, pormenores que as outras fontes intercalam neste ponto. Como é seu hábito, Suetónio prefere relatar esses acontecimentos na *Vida* do próprio (*Otho* 6.2-3).

Ao saber do sucedido, Galba ficou hesitante: Tito Vínio aconselhava Galba a permanecer no palácio, enquanto Lacão e Celso (Plutarco, *Gal.* 26.1), ou Lacão e Ícelo (Tácito, *Hist*. 1.32.2-33), o exortavam a dirigir-se ao campo pretoriano. Tácito lamenta que ele não tenha ido, porque, com a autoridade de imperador, poderia ter facilmente segurado a situação a seu favor. A reverência pela presença física do imperador era à partida uma vantagem sobre os usurpadores, como nota Plutarco (*Gal.* 18.6). Suetónio, para manter a narrativa focada em Galba, omite também o envio de Pisão, na mira de assegurar a lealdade do corpo da guarda ao palácio (Plutarco, *Gal.* 25.8). E Tácito (*Hist.* 1.29.2-30.3) compõe um discurso que coloca na boca de Pisão. Quanto à

[46] Vide Brandão, 2009, 282-287.

interpelação que Galba faz ao soldado - Júlio Ático, segundo Plutarco (*Gal.* 26.2), Tácito (*Hist.* 1.35.2) e Díon Cássio (64.6.2) - que dizia ter matado Otão, no sentido de saber de onde partira tal ordem, que sabia não ter dado, Tácito interpreta-a como uma manifestação do carácter firme e incorruptível do imperador.

O relato da morte propriamente dita em Plutarco (*Gal.* 27.1) é semelhante ao de Tácito (*Hist*. 1.41) e de Suetónio (*Gal.* 20.1). Suetónio e Tácito (*Hist*. 1.41.2) apresentam duas versões da reacção de Galba ao ataque: uma primeira menos dignificante, em que terá tentado chamar os soldados à razão e apaziguá-los mediante a oferta, tardia, de um donativo; e uma segunda, mais corajosa, em que se oferece como uma espécie de vítima voluntária. Uma versão será privilegiada pelos detractores e outra pelos admiradores, como admite Tácito. Plutarco transmite só a segunda versão. As reacções não parecem mutuamente exclusivas: a segunda pode ser um acto de resignação, depois de ter percebido que estava condenado.

A expressão que as fontes atribuem a Galba para incentivar os soldados a levarem a cabo o seu propósito (*hoc agerent*) faz eco das palavras dos assassinos de Calígula (Suetónio, *Cal.* 58.2) e remete para a metáfora do sacrifício: tratava-se de palavras rituais, usadas pelo sacrificador na altura de imolar a vítima. Há, de facto, semelhanças com o assassínio daquele imperador: ambas as mortes são contadas em duas versões, com fórmulas que sugerem um sacrifício, acompanhadas de gestos rituais: golpe no pescoço e até desmembramento do

cadáver. Mas há diferenças importantes: Galba mostra-se mais digno. Enquanto Calígula assume um papel apenas reactivo, Galba tem um papel activo e mostra a firmeza do general que fora; enquanto Calígula é ajudado pelos carregadores e pela guarda germânica, Galba morre abandonado, como o biógrafo sublinha: Suetónio mostra-se perplexo com esta deserção de todos.

Enquanto Plutarco (*Gal.* 26. 8-10) e Díon Cássio (64.6.4) louvam a ajuda desinteressada que lhe prestou um centurião, Semprónio Denso, e Plutarco[47] até salienta que foi «o único entre tantos milhares que o sol viu mostrar-se digno do Império Romano», o biógrafo latino prefere acentuar, até ao exagero, o abandono a que Galba foi votado, situação que se lhe afigura quase inacreditável: «O que terá sido verdadeiramente extraordinário é que nenhum dos presentes tentou prestar ajuda ao imperador, e que todas as forças que foram mandadas chamar desprezaram a ordem, à excepção de um destacamento do exército da Germânia. Estes soldados, por um recente favor – pois, quando estavam doentes e incapacitados, Galba se não poupara a esforços para cuidar deles – voaram em seu auxílio, mas, tomando um caminho errado, por não conhecerem os lugares, chegaram tarde de mais». De facto, feito o confronto com Tácito (*Hist.* 1.31.2-3), torna-se patente que Suetónio exagera, na mira de acentuar o drama do atraso. A afirmação de Tácito — *Germanica uexilla*

[47] E, de modo semelhante, Tácito (*Hist.*, 1.43.1), embora o apresente como defensor de Pisão, que foi assassinado na mesma altura.

diu nutauere (*Hist.* 1.31.3) — não é compatível com *in auxilium aduolauerunt* de Suetónio. Como Galba favoreceu este corpo militar, devem ter surgido várias tentativas de explicação para o facto de os soldados não terem aparecido, como seria de esperar. De resto, a solução apresentada por Suetónio não convence: se estavam acantonados, como diz Tácito, no *Atrium Libertatis* (que seria na área dos *Fora*) e, para mais, há seis meses, dificilmente não conheceriam o caminho[48]. Mas os factos são confusos, como é natural em época de revolução.

O ultraje feito à cabeça lembra (embora Suetónio não o diga) a sorte de Penteu nas *Bacantes* de Eurípides (vv. 1139 ss). O biógrafo Plutarco (*Gal.* 27), sendo grego, não deixa de conectar directamente este feito com o das Ménades. De resto, já vimos que, logo no início da *Vida de Galba* (1.7-8), se sugere que os acontecimentos deste período constituem uma história trágica, em que os imperadores são joguetes das vicissitudes dos tempos. O horror dos pormenores relatados pelos biógrafos contrasta com a sobriedade de Tácito (*Hist.* 1.41.3 e 1.49.1), que tende a evitar pormenores sórdidos[49]. De facto, se Plutarco (*Gal.* 27.3) refere a dificuldade em segurar a cabeça devido à calvície e o transporte do macabro troféu no manto, Suetónio acrescenta a introdução do polegar na boca como forma de o soldado a poder segurar quando a entrega a Otão. Segundo este autor (*Gal.* 20.2), não foi o soldado que

[48] Como frisa Murison, 1992, 84-85.

[49] Vide Murison, 1992, xi.

cortou a cabeça quem a colocou num pau; o soldado, limitou-se a levá-la ao sucessor de Galba. Suetónio acrescenta, pois, outros motivos de vilipêndio: «Este (Otão) deu-a aos seguidores do exército e aos serviçais, que, depois de a espetarem num pau, a transportaram à volta do acampamento sem deixarem de fazer troça, ao mesmo tempo que gritavam: "Galba, Amor, goza a tua juventude"! Incitava-os sobretudo a uma tal petulância na chacota o facto de poucos dias antes ter sido propalado que ele, a um fulano que lhe louvava a beleza, como se fosse ainda jovem e vigorosa, respondeu: "*Ainda tenho o vigor intacto*".

Este trecho de Suetónio põe em evidência o facto de a velhice de Galba motivar a troça de alguns (Plutarco, *Gal*. 13.6), habituados que estavam à juventude Nero. Tinha setenta e três anos, mas, sobretudo, estaria bastante incapacitado, devido à artrite ou gota, e tinha uma hérnia descomunal que a custo continha, como noticia o biógrafo latino (*Gal.* 21). Segundo Plutarco (*Gal.* 8.1), o prefeito do pretório, Ninfídio Sabino, tinha abusado dos seus poderes, na convicção de que Galba dificilmente teria forças para aguentar a viagem da Hispânia até Roma. O verso grego ('*Ainda tenho o vigor intacto*') com que o imperador responde ao adulador é da *Odisseia* (21.426) – e em vez de ser um dito despropositado ou ridículo para um homem daquela idade, revela antes o carácter espirituoso e a cultura helénica do velho general.

A subida de Otão ao poder apresentava-se, à partida, muito sangrenta, apesar de depois o imperador

se ter moderado. Mas, se diversas mortes seguiram a de Galba[50], Plutarco (*Gal.* 27.9-10) acrescenta que muitos mais, mesmo sem terem tomado parte na matança, vieram reclamar recompensas por escrito, pelo que foram, mais tarde, executados por Vitélio com base nos documentos. Plutarco (*Gal.* 28.2) assinala que o senado se apressou a ratificar a aclamação de Otão, quando ainda jaziam no Foro os cadáveres nas suas roupas consulares, o que põe implicitamente em evidência a impiedade do começo do novo principado. Uma viva hostilidade a Otão se percebe também na afirmação de que o senado ia prestar o juramento que o próprio Otão prestara e não guardara (*Gal.* 28.1).

Plutarco assume que Galba tomava uma atitude digna de um bom imperador, quando se recusava a oferecer o donativo exorbitante prometido por Ninfídio Sabino - as várias fontes registam a sua resposta célebre: «costumava recrutar os soldados, não comprá-los»[51] -, e elogia a forma como, pondo os interesses do Estado à frente dos próprios, escolhe Pisão, em detrimento de Otão, que se mostrava licencioso e perdulário (*Gal.* 21.2-3). De resto, a modéstia de Pisão, perante o anúncio de que seria adoptado, contrasta com a reacção excessiva de Otão (*Gal.* 23.5-6), e mostra que o velho imperador procedera com sageza ao escolhê-lo e soubera reconhecer nele os antigos valores romanos[52]. Em consonância,

[50] Díon Cássio (64.6.5[a]) alude genericamente à decapitação de várias vítimas.

[51] Suetónio, *Gal.*16.1; Plutarco, *Gal.* 18.4; Tácito, *Hist.* 1.5.2; Díon Cássio, 64.3.3.

[52] Tanto a atitude de Galba, ao escolher o bem comum, como

na apreciação final, Plutarco (*Gal.* 29.3-5) demonstra grande admiração por Galba, pela forma desinteressada como assume o poder. Reconhece que cometeu um erro de julgamento, que lhe foi fatal, ao pensar que podia comandar, seguindo os valores antigos, homens como Tigelino e Ninfídio Sabino, degenerados pela sociedade neroniana[53].

Pelo contrário, Suetónio tem de ser desfavorável a Galba, uma vez que demonstra clara simpatia por Otão, sentimento particularmente notório no relato da sua morte. Se é verdade que a generalidade das fontes[54] reconhece que a nobre morte deste imperador foi contrastante com a sua vida, Suetónio chega ao ponto de dizer que ele odiava as guerras civis já antes de subir ao império (e de que se não revoltaria contra Galba, se não confiasse que o golpe se podia resolver sem guerra). Tal favorecimento ficará a dever-se ao testemunho do próprio pai do biógrafo, Suetónio Leto, que participara na campanha como tribuno angusticlavo (*Otho* 10.1). Portanto, Suetónio tinha acesso a uma versão, que não era a tradicional de um senador, mas de uma fonte próxima, de origem militar[55]. Talvez por isso acaba por

---

a atitude de Pisão revelam princípios da ideologia estóica que informa a filosofia política romana e que acaba por transparecer em Plutarco, apesar do seu confesso platonismo, como assinala Scuderi, 1995, 403-404.

[53] Vide Scuderi, 1995, 407.

[54] Cf. Plutarco, *Oth.* 15-18; Tácito, *Hist.* 2.46-50; Suetónio, *Otho* 9.3-12.2; Díon Cássio 64.11-15. Vide Brandão, 2009, 306 -308; 314-315.

[55] Vide Murison, 1992, 122-123. O uso de uma fonte oral é uma forma de defender a memória de Otão contra uma tradição demasiado severa, segundo Gascou, 1984, 301-302.

nos facultar mais pormenores, que se não encontrariam na fonte comum.

Se a morte é o momento supremo da revelação do carácter, os últimos momentos de Otão são de serenidade e de preocupação com os outros, a imagem clássica de uma morte bem-aventurada. Segundo Suetónio (*Otho* 10.2), Otão exorta o irmão (o que significa que este estaria já presente em Brixelo), o sobrinho e os amigos a porem-se a salvo e envia cartas à irmã, para a consolar, e à viúva de Nero, Estatília Messalina, com quem projectara casar-se, para lhe recomendar os seus restos e a sua memória. Só Suetónio fala destas duas cartas e da intenção de se casar com a viúva de Nero[56]. Dir-se-ia que o biógrafo latino pretende evocar, de modo subtil, a lembrança daquele imperador e suscitar a comparação entre os dois suicídios. Otão destrói ainda cartas comprometedoras, para proteger terceiros e distribui os haveres de que dispunha pelos da sua casa. Quando já está preparado para morrer, tumultos que se geraram, relacionados com o desagrado que a partida dos senadores provocou entre os soldados[57], levam-no, segundo Suetónio (*Otho* 11.1), a adiar o fim: «Acrescentemos — exclama ele — ainda esta noite à nossa vida»[58]. Tal frase, só referida por Suetónio, pretende mostrar que a morte de Otão não é uma fuga. O imperador continua

[56] Plutarco, *Gal.* 21.1, e Tácito, *Hist.* 1.13.2, falam do plano de casamento com a filha de Vínio, no tempo em que Otão estava para ser adoptado por Galba.

[57] Segundo Plutarco, *Otho* 16.5-6, e Tácito 2.49.1. Tácito diz que estavam sobretudo irritados com Virgínio Rufo. Cf. Díon Cássio, 64.15.1ª.

[58] Cf. Tácito 2.49.1.

a assumir o exercício da sua autoridade, para proibir o uso de violência contra quem quer que quisesse partir, preocupação bem patente também em Plutarco.

A fonte comum noticia que bebeu água e experimentou a ponta de dois punhais[59], facto que parece aproximar esta morte da de Nero[60]. Escolhe um, que coloca sob a almofada (ou debaixo do braço, segundo Plutarco), e cai num sono profundo, revelador da sua serenidade de espírito, bem diferente da de Nero. Também diferente de Nero é a forma como se suicida: enquanto este, com a ajuda de Epafrodito, trespassa o pescoço (Suetónio, *Nero* 49.3) – os tiranos são degolados – Otão trespassa o peito de um só golpe, o que confere dignidade ao gesto. Só Suetónio (*Otho* 11. 2) diz que se feriu por baixo do mamilo esquerdo e que expirou «ora tapando ora desvelando a ferida aos que acorreram ao seu primeiro gemido» - exemplos do sentido do concreto e do gosto do biógrafo pelo horror e pelos pormenores mórbidos[61]. O facto de tapar e desvelar a ferida parece recordar, de algum modo, a morte de Petrónio (Tácito, *Ann*. 16.19), com quem Otão poderá ter convivido e partilhava certa semelhança de carácter, se tomarmos em conta os dados da tradição. O funeral é feito à pressa, como tinha recomendado. Tácito (*Hist.* 2.49.2), acrescenta que Otão o solicitara, para evitar que

[59] Plutarco, *Otho* 17.1; Tácito, *Hist*. 2.49.2; Suetónio, *Otho* 11.1. Poulle, 1997, 250, põe em evidência o simbolismo dos dois punhais, numa alusão à dualidade tradicional dos tiranicidas, e a semelhança, também verbal, entre o gesto de Nero e de Otão.

[60] Cf. Suetónio, *Nero* 48.3; 49.2.

[61] Como salienta Gascou, 1984, 307-308.

lhe cortassem a cabeça e a expusessem a ultrajes[62], como os que aconteceram a Galba.

A imagem positiva que Otão obtém na morte é comum às fontes, mas as perspectivas são diferentes. Enquanto Plutarco (*Oth.* 18.3) compara Otão com Nero, assinalando que não viveu mais honestamente mas morreu mais nobremente, Tácito (*Hist.* 2.50.1) opõe a morte digna de Otão (*facinum egregium*) ao infame assassínio de Galba; e Díon Cássio, (64.15.2) opõe a morte à impiedade e perversidade anterior, uma morte óptima a uma vida péssima; Suetónio estabelece um contraste de natureza diferente, ao opor o modo de vida efeminado a uma morte viril, o que parece atenuar a visão negativa sobre a vida passada[63].

A reacção dos soldados à sua morte é de histeria colectiva, ao ponto de se suicidarem junto à pira. Mas, quanto ao número dos suicídios, Suetónio transforma em «muitos» os «alguns» referidos por Tácito (*Hist.* 2.49.4), Plutarco (*Oth.* 17.10) e Díon Cássio (64.15.1[2]). Só Suetónio e Díon (64.15.2[b]) referem que muitos soldados se mataram uns aos outros[64]. Quanto à reacção do público em geral, salienta-se um duplo julgamento que, em Suetónio, tende para a unicidade. Tácito (*Hist.* 2.50.1) diz que ele mereceu posteriormente uma fama tão boa como má; Plutarco (*Oth.* 18.2) faz saber que os

---

[62] GASCOU, 1984, 309, pensa que, se esta informação estava na fonte comum, Suetónio a terá calado por simpatia para com Otão, para não macular a imagem de uma morte perfeita. Recorde-se que o biógrafo não ignorara a informação no que se refere a Nero (*Nero* 49.4).

[63] Como nota GASCOU, 1984, 311-312

[64] Vide GASCOU, 1984, 313-314.

que louvaram a morte não foram menos importantes nem menos numerosos do que os que censuraram a vida. Só Suetónio fala de quase unanimidade (*magna pars hominum*) no póstumo louvor de Otão[65] e minimiza a infâmia da morte de Galba (considerada *facinus flagitiosissimum* por Tácito, *Hist*. 2.50.1) com o suposto desejo de restaurar a *res publica ac libertas* para o povo romano[66].

Sobrevive assim, através de Plutarco, informação de cariz diferente da de Suetónio: um ponto de vista político e ético grego sobre uma época conturbada. A figura controversa de Nero continua presente, ao mesmo tempo odiada e amada. Galba representa a reacção de cariz senatorial, mas a sua austeridade parece estar fora de moda. Em Otão, há alguma tentação em ligar a si o nome do antigo amigo, porque via que tal lhe granjeava simpatias, mas também aversão. O elogio implícito da adopção de Pisão por parte de Plutarco parece antecipar o principado adoptivo, elogiado, quando se torna efectivo, por Tácito, através do discurso de Galba. As figuras de Plutarco tendem a ser vistas de modo benévolo; e Galba, tendo embora defeitos e cometendo erros, é apresentado como um grande homem. Suetónio, distanciando-se da tradição principal para favorecer Otão, acaba por obscurecer a grandeza moral de Galba.

Em suma, Nas *Vidas* de Galba e de Otão, Plutarco apresenta-nos um relato que se aproxima, como ele próprio admite, da história política antiga,

[65] Vide Gascou, 1984, 312; 776-777.

[66] Suetónio, *Otho* 12.2. Nenhum dos outros autores menciona tal facto.

pelos condicionalismos dos tempos, que eram de guerra civil, e pelo papel que os soldados desempenharam na condução da política imperial. Assumem, pois, grande relevo as acções militares; e os protagonistas tornam-se vítimas da indisciplina e da cobiça da soldadesca, a par de alguma impotência e falta de capacidade de liderança dos imperadores e dos oficiais superiores. Plutarco não esconde um certo desprezo pela força bruta e irracional das tropas e, de modo especial, pela arrogância e ambição da guarda pretoriana. Escrevendo sobretudo para um público de língua grega, como patenteia a preocupação de explicar certas realidades romanas por meio de referentes helénicos (corpos militares, calendário, etc.), Plutarco apresenta a conduta dos soldados como o reverso da educação dos "guardiães" do estado ideal, proposta pelo seu mestre Platão. Por outro lado, pelos elogios que faz dos protagonistas, particularmente de Galba, o autor aproxima-se de Tácito e da moral senatorial, que preconiza a exaltação dos valores antigos e condenação da decadência do presente.

Vida de Galba[*]

[*] Outras fontes para o conhecimento deste imperador são: Suetónio, *Gal.*; Tácito, *Hist*. 1.1-45; Díon Cássio, 64.1-9.

1. 1. O ateniense Ifícrates[1] julgava que o soldado mercenário é atreito às riquezas e aos prazeres, de modo que, ao aplicar-se em buscar os recursos para os seus apetites, combate de um modo mais temerário, enquanto a maior parte das pessoas pensa que os soldados, como um corpo instável, nunca devem mover-se por recurso ao próprio impulso mas ao do general. 2. Por conseguinte, também dizem que Emílio Paulo[2], ao assumir o comando da força militar na Macedónia, cheia de tagarelas e intrometidos que brincavam aos generais, fez passar a ordem de que cada um tivesse a mão pronta e a espada afiada, mas que deixasse o resto por conta dele próprio. 3. E Platão[3] constata que nada adianta ser um bom comandante ou um bom general, se o exército se não mostrar disciplinado e cooperante, mas pensa que a virtude da obediência, tal como a virtude de um rei, requer uma natureza nobre e uma educação filosófica, que, acima de tudo, à gentileza e humanidade associa, de forma harmoniosa, coragem e intrepidez. 4. Ora diversos acontecimentos, e em particular os que sobrevieram aos Romanos depois do

---

[1] Estratego que no séc. IV a.C. que terá aligeirado o armamento do corpo de mercenários dos peltastas, tornando-o mais maleável que os hoplitas nas manobras. Usavam a *pelta*, pequeno escudo redondo.

[2] O vencedor de Pidna, batalha determinante para a derrota da Macedónia e submissão da Grécia.

[3] *R.* 376 C.

fim de Nero, são testemunho e exemplo de que nada é mais terrível, no império, do que uma força militar que segue impulsos rudes e irracionais. 5. Demades, após a morte de Alexandre, comparou o exército macedónio ao Ciclope depois de cego, por apresentar amiúde movimentações desordenadas e erráticas. 6. Uma espécie de sofrimentos, por assim dizer titânicos, e convulsões tomaram conta do Império Romano, dividido em várias facções, que, ao mesmo tempo e a partir de diversos lugares, se lançaram de novo sobre ele mesmo, não tanto por ambição dos imperadores aclamados, como pela cobiça e desregramento da soldadesca, que descartava uns soberanos em troca de outros como se de pregos se tratasse. 7. É certo que Dionísio[4] referindo-se a [Pólifron] de Feras, que governou a Tessália durante dez meses e, de seguida, foi assassinado, denominava-o tirano trágico, ao gracejar com a rapidez da mudança. 8. Mas a morada dos Césares, o Palatino, acolheu sucessivamente, em menos tempo, quatro imperadores: faziam entrar um, faziam sair outro, como num palco[5]. 9. Ao menos era

[4] Provavelmente o Dionísio-o-Velho, tirano de Siracusa. Pólifron reinou entre 370 e 369 a. C. O nome não aparece nos manuscritos: cf. Plutarco, *Pel.* 29; Xenofonte, *Hell.* 6.4.33-35.

[5] A seguir à morte de Nero, sucederam-se Galba (de Junho de 68 a Janeiro de 69 d.C.), aclamado pelo exército da Hispânia, na sequência de uma revolta que começara com Víndex, na Gália; Otão (de Janeiro a Abril de 69), aclamado pelos soldados pretorianos em Roma; Vitélio (Abril a Dezembro de 69), aclamado pelo exército da Germânia; e Vespasiano (Dezembro de 69 a 79), aclamado pelos exércitos do Oriente (estava na Judeia a combater a revolta dos Judeus, que terminou com a destruição do templo de Jerusalém), com o apoio do prefeito do Egipto, Tibério Alexandre. Entre a morte de Nero e de Otão passaram apenas 10 meses.

uma consolação para os que sofriam males o facto de não terem necessidade de outra punição dos culpados além de os ver matarem-se uns aos outros. O primeiro a cair e de forma mais justa foi o que seduziu e ensinou a esperar da mudança de César tudo quanto ele próprio prometeu, pervertendo a mais bela obra, ao transformar, por meio do pagamento, a revolta contra Nero em traição[6].

2. 1. Pois Ninfídio Sabino, que era, como se disse[7], prefeito do pretório juntamente com Tigelino, ao tomar por completamente desesperada a situação de Nero, já que era manifesto que este ia escapar para o Egipto, convenceu os soldados, como se ele não continuasse ali, mas tivesse já fugido, a aclamarem Galba imperador; 2. e até prometeu um donativo por cabeça: aos soldados do palácio e aos ditos pretorianos sete mil e quinhentas dracmas[8]; e mil duzentas e cinquenta às tropas de fora, soma impossível de reunir, sem causar milhares de vezes mais infortúnios a todos os homens do que aqueles que Nero causou. 3. Foi isso, de facto, que deitou logo Nero a perder, e, pouco depois, Galba: pois a um abandonaram-no para receberem; a outro mataram-no, uma vez que não receberam. 4. De seguida, na busca daquele que lhes viesse a dar tal soma, consumiram-se em revoltas e traições, antes de obterem o que esperavam. 5. Narrar

[6] Foi Ninfídio Sabino, prefeito do pretório, que corrompeu os soldados com promessas em nome de Galba: vide à frente 2 e 8-14.

[7] Provavelmente na *Vida de Nero* perdida.

[8] Plutarco usa a moeda grega pelo denário, que era a correspondente romana.

com exactidão os acontecimentos um por um é tarefa da história política[9], mas quanto digno de memória sobreveio pelos actos e sofrimentos dos Césares não me convém a mim passá-lo em claro.

3. 1. Que Sulpício Galba era o mais rico particular que alguma vez entrou na casa dos Césares é facto consensual: apesar do grande valor da sua linhagem, a casa dos Sérvios, ele próprio tinha mais orgulho na sua parentela com Cátulo[10], que foi o primeiro varão em virtude e fama entre os do seu tempo, ainda que preferisse deixar a outros o exercício do poder. 2. Galba estava também ligado a Lívia, esposa de Augusto, por laços de parentesco; e foi por essa razão, pelo favorecimento de Lívia, que ele saiu do palácio como cônsul[11]. 3. Mas diz-se que comandou de forma notável o exército na Germânia[12]

[9] Plutarco alude à distinção, na antiguidade, entre história e biografia: a primeira dedicada aos grandes acontecimentos políticos e a última a tudo o que possa contribuir para a definição dos traços de carácter, incluíndo o aspecto físico, ditos célebres, etc. Cf. *Alex*. 1.

[10] Nome de família de Galba era Sulpício. Sérvio era *praenomen*, mas este nome era usado por aquela família. Q. Lutácio Cátulo Capitolino foi cônsul em 78 a.C. e censor em 65-64, colega de Crasso. Em 63, foi derrotado por Júlio César na eleição para Pontífice Máximo.

[11] A notícia não é exacta. Galba foi cônsul em 33 d.C. Lívia morrera em 29.

[12] No principado de Calígula. Galba foi enviado para restabelecer a disciplina e substituir Getúlico, condenado na sequência de uma conspiração, em que estaria envolvida também a própria Agripina Menor, irmã do imperador e mãe de Nero. Diz Suetónio (*Gal*. 6.2) que Galba restabeleceu imediatamente a disciplina, de tal modo que se difundiu pelo acampamento o verso: *'disce miles militare: Galba est, non Gaetulicus'* («Aprende, tropa, a andar na tropa: este é Galba, não Getúlico»).

e, feito procônsul da Líbia[13], foi elogiado como poucos. 4. A sua modéstia no modo de vida, a parcimónia nos gastos e a simplicidade são os precedentes da sua avareza, quando se tornou imperador, pois carregava uma fama de severidade e moderação já fora de moda. 5. Foi enviado como governador para a Ibéria por Nero[14], que ainda não aprendera a temer os cidadãos de grande respeito, pois, além da aparente natureza doce, a velhice acarretava confiança na prudência.

4. 1. Mas, uma vez que os criminosos procuradores de Nero andavam a saquear de forma cruel e selvática a província dele, não teve outra forma de prestar ajuda, senão mostrar-se solidário na partilha da dor e injustiça sofridas, facto que ofereceu, de algum modo, uma lufada de ar fresco e consolação aos condenados e vendidos como escravos. 2. E, quando apareceram poemas contra Nero, que, por todo o lado, circulavam e eram cantados, não os impediu nem secundou a indignação dos procuradores, pelo que se tornou mais ainda objecto do amor das pessoas[15]. 3. É que, nessa altura, já estava familiarizado com elas, pois cumpria o oitavo ano do seu governo quando Júlio Víndex[16], propretor da Gália,

---

[13] Durante o governo de Cláudio, em 45 d.C.

[14] Em 61 d.C.

[15] Suetónio (*Gal* 9.1) diz que Galba se entrega, paulatinamente, à inércia, para não ter de prestar contas a Nero. Suetónio é, neste aspecto, menos favorável que Plutarco e as outras fontes: Tácito, *Hist.* 1.49.4; Díon Cássio, 63.23.

[16] Júlio Víndex era um nobre de origem Gaulesa. Foi depois derrotado e morto pelo exército da Germânia (comandado por Virgínio Rufo), mas a revolta já não parou. Diz Suetónio (*Nero*

se rebelou contra Nero. 4. Diz-se, na verdade, que, antes de a revolta se tornar manifesta, lhe chegaram cartas da parte de Víndex; mas, se não confiou nelas, também não as denunciou ou revelou o conteúdo, como fizeram outros governadores, que, recebidas as missivas, as enviaram a Nero, e arruinaram, no que deles dependia, a operação, à qual, mais tarde, cúmplices, deram o seu acordo; pelo que não se tornaram menos traidores para consigo próprios do que para com aquele revoltoso. 5. Mas, de seguida, Víndex , tendo declarado abertamente a guerra, escreveu a Galba a exortá-lo a aceitar o poder imperial e a oferecer-se ele próprio a um corpo forte – as Gálias, que possuíam dez mil homens armados e podiam armar um número ainda maior – que buscava uma cabeça; e Galba tomou conselho junto dos amigos. 6. Entre estes, havia os que achavam melhor aguardar, a ver se Roma daria ao movimento algum desfecho e impulso para a revolução. 7. Mas o próprio Tito Vínio, comandante da guarda pretoriana[17], disse: «Ó Galba, que tipo de resolução tomaste? Ora o facto de inquirir se continuamos fiéis a Nero, não é próprio de quem ainda continua fiel. Ao considerar Nero inimigo, não se deve rejeitar a aliança com Víndex; ou então temos de acusar este e mover-lhe guerra, já que ele antes quer que os romanos te tenham como governador do que Nero como tirano».

45.2) que, em Roma, alguns descontentes, fingindo altercar com os escravos, clamavam por um *Vindex* ('vingador').

[17] Neste caso, a guarda pessoal do governador e não a do imperador.

5. 1. Foi por isso que Galba indicou, através de um edicto, um dia em que iria conceder a libertação, sucessivamente, aos que a solicitassem. Uma vez que o alarido e o boato se espalharam, uma multidão de pessoas congregou-se, empenhada na revolução. Ainda ele não se tinha sequer apresentado sobre o tribunal e já todos o saudavam a uma só voz como imperador. 2. Ele não aceitou logo esta designação, mas, depois de acusar Nero e de lamentar a morte, por ordem deste, de homens ilustres, concordou em devotar os seus cuidados à pátria, sem adoptar o nome César ou Imperador, mas o de general do senado e do povo romano. 3. Que Víndex fez bem os cálculos ao chamar Galba para assumir o império confirma-o o testemunho de Nero; é que este, que simulava menosprezar o primeiro e considerar de somenos a questão gaulesa, ao saber o que se passava com Galba (estava ele, por acaso, a almoçar, depois de tomar banho), baldeou a mesa[18]. 4. No entanto, tendo o senado declarado Galba inimigo público, o próprio Nero, procurando gracejar e mostrar coragem perante os amigos, disse que não era nada má a oportunidade de lucro que se lhe deparava, já que estava necessitado de dinheiro[19]; 5. os recursos dos Gauleses, depois de serem submetidos, seriam transformados em despojos e espólio de guerra; e a propriedade de Galba estava à mão para ser usada e vendida, já que este se apresentava como inimigo. 6. Assim, Nero mandou pôr à venda as coisas de Galba; e este, quando tal ouviu, tratou de

[18] Cf. Suet. *Nero* 42.1. O biógrafo latino acrescenta que Nero ficou inanimado.

[19] Cf. Suet. *Nero* 40.4.

colocar em hasta pública quanto pertencia a Nero na Ibéria, pelo que encontrou muitos compradores deveras interessados.

6. 1. Dos muitos que se desligavam de Nero, quase todos aderiam a Galba; só Clódio Macro na Líbia e Virgínio Rufo na Gália, à frente do exército da Germânia[20], agiam por conta própria, sem secundarem tal propósito. 2. Mas Clódio, tendo descambado para actos de pilhagem e assassínios por causa da sua crueldade e cobiça, estava manifestamente num impasse, incapaz de manter o poder ou de desistir dele. 3. Quanto a Virgínio, embora comandasse as legiões mais poderosas, que diversas vezes o proclamaram imperador e o pressionavam a aceitar o cargo, declarou que nem assumiria ele próprio o império, nem permitiria que este fosse dado a um outro que o senado não tivesse escolhido. 4. Tal situação causou, a princípio, não pequena perturbação em Galba. Mas quando os exércitos de Virgínio e de Víndex começaram, de certo modo, a atiçar os comandantes à força um contra o outro, quais cocheiros incapazes de controlar as rédeas, para travarem uma grande batalha, e Víndex se matou sobre vinte mil Gauleses caídos em combate, correu a notícia de que, na sequência de tão expressiva vitória, todos queriam que Virgínio aceitasse o império, ou que então se voltariam de novo para Nero. 5. Galba, então já deveras receoso, escreveu a Virgínio, a apelar que

[20] Era o comandante do Exército da Germânia Superior. Derrotou Víndex na batalha de Vesonção (Besançon).

unissem esforços e salvaguardassem os dois o império e a liberdade para os Romanos. 6. E voltou de novo com os amigos para a Ibéria, para a cidade de Clúnia, arrependido da conduta anterior e a lamentar o habitual e entranhado modo de vida ocioso, em vez se ocupar em fazer o que se mostrava necessário[21].

7. 1. Era já Verão, quando um dia, pouco antes de anoitecer, chegou de Roma Ícelo, seu liberto, que viajara sete dias. 2. Inteirando-se de que Galba estava a descansar sozinho, encaminhou-se imediatamente para o quarto dele, e, depois de abrir, contra a vontade dos criados de quarto, e de entrar, anunciou que o exército, primeiro, e, em seguida, o povo e o senado aclamaram Galba como Imperador, quando Nero era ainda vivo, mas não aparecia; e que, pouco mais tarde, foi anunciado que Nero estava morto. 3. Ele mesmo – segundo disse –, não se fiou em tais notícias, mas, depois de se aproximar do cadáver e de o ver por terra, é que então partiu. 4. Tais novas deixaram Galba radiante, e à sua porta acorreu uma multidão, cheia de uma firme confiança, graças àquele mensageiro. 5. A falar verdade, a sua rapidez era inacreditável. Mas, dois dias mais tarde, Tito Vínio[22] chegou com outros do campo militar com o relato de cada uma das resoluções do senado. 6. Este foi então promovido a uma posição honrosa. Ao liberto

[21] Segundo Suetónio (*Gal.* 9.1), Galba entregara-se à ociosidade para não se tornar suspeito a Nero.

[22] Uma lacuna do texto torna este nome aqui uma suposição.

Galba concedeu anéis de ouro[23], pelo que Ícelo, agora chamado Marciano, se tornava o mais influente entre os libertos.

8. 1. Em Roma, Ninfídio Sabino tratou de arrebanhar para si próprio todos os serviços, não de forma lenta e pouco a pouco, mas tudo de uma vez, na convicção de que Galba estava velho e dificilmente teria forças para ser transportado até Roma de liteira devido à idade, pois tinha setenta e três anos. 2. E, mesmo na cidade, há muito que as tropas eram devotadas ao prefeito e, na altura, dependiam unicamente dele – por causa da quantidade do donativo consideravam-no como benfeitor e Galba como devedor[24]. 3. Ordenou imediatamente ao colega no cargo, Tigelino, que pusesse de lado a espada, e, organizando recepções, convidou para jantar os cônsules e altos comandos, colocando também o nome de Galba nos convites. No acampamento, tratou de fazer com que muitos dissessem que se devia enviar a Galba uma delegação a solicitar para Ninfídio Sabino a prefeitura perpétua sem colega. 4. Quanto o senado fez em prol do prestígio e poder dele, aclamando-o como benfeitor e acorrendo todos os dias à sua porta, solicitando a sua iniciativa e ratificação para todos os decretos, ainda levou mais longe a sua

[23] Promove-o à categoria de cavaleiro.

[24] Promessas que Galba não ratificou, com a sentença de que "tinha por hábito recrutar os soldados, não comprá-los" (Suetónio, *Gal.*16.1) – aparência de honestidade (Tácito. *Hist.* 1.5.2) que terá contribuído para a fama de avaro que este imperador granjeou e que terá, em última análise, precipitado a sua queda (cf. Díon Cássio, 63.3.3).

audácia, de tal modo que, em pouco tempo, se tornou aos olhos dos obsequiosos não só motivo de inveja, mas também de terror. 5. Quando os cônsules escolheram escravos públicos para levarem os decretos ao imperador e lhes entregaram os chamados salvo-condutos selados, cujo reconhecimento permitia aos magistrados de cada cidade apressarem com a muda do transporte o avanço dos correios, ele ficou deveras irritado por não terem tomado dele o sinete e os soldados a enviar. 6. E diz-se que estava para tomar deliberações contra os cônsules e que depois pôs de parte a cólera, perante as justificações e súplicas deles. Mas para agradar ao povo não impediu a destruição dos agentes de Nero que lhe caíram nas mãos. 7. Então, não só despedaçaram o gladiador Espículo, depois de o lançarem sob as estátuas de Nero, arrastadas pelo Foro[25], como ainda abateram Apónio, um dos delatores, passando-lhe por cima com carros carregados de pedras; e muitos outros foram despedaçados, alguns sem terem culpa de nada; 8. de tal sorte que Maurico, que era um dos melhores varões e, como tal, estimado, disse ao senado que temia que em breve viessem a desejar Nero.

9. 1. Na prossecução do caminho mais directo para as suas esperanças, Ninfídio Sabino não se esquivou a que se dissesse que era filho de Gaio César[26], sucessor de

---

[25] Plutarco, porque escreve em grego, transpõe para o seu universo de referência e diz *agora*, como faz para outras realidades, tais como as designações dos cargos civis e militares – mas que traduzimos pela designação romana.

[26] Que ficou conhecido como Calígula.

Tibério no governo do Império. 2. Pois Gaio, segundo parece, ainda moço, teria conhecido a mãe dele, cuja aparência não era desprovida de encanto, filha de uma cortesã a soldo de Calisto, liberto do César. 3. Mas o comércio de Gaio com ela, foi, segundo parece, posterior ao nascimento de Ninfídio, e este tinha fama de ser filho do gladiador Marciano, de quem Ninfídia se enamorara por causa da sua fama; e, dada a semelhança de aspecto, parecia mais aparentado com aquele. 4. No entanto, aceitava que Ninfídia era sua mãe, mas considerava como obra exclusivamente sua a queda de Nero, e, porque achava que não tinha colhido daí o devido preço com honras e riquezas e com o facto de se deitar com Esporo, favorito de Nero – que mandou imediatamente chamar de junto da pira, quando o cadáver ardia ainda, tomou por esposa e apelidou de Popeia[27] –, tratou de se fazer à sucessão do império. 5. Para tal, ele mesmo procurou manobrar, em Roma, através dos amigos, com a colaboração secreta de algumas mulheres e de alguns homens do senado, e enviou para a Ibéria um dos seus amigos, Geliano, com permissão[28] para espiar.

10. 1. Para Galba tudo corria bem, depois da morte de Nero. Mas o facto de Virgínio Rufo continuar flutuante causava-lhe apreensão: pois, sendo comandante de uma força numerosa e combativa, depois de vencer Víndex e de dominar uma grande parte do Império

[27] Esporo era um eunuco que já Nero tomara por esposa (Suet. *Nero* 28.1). Popeia Sabina era a esposa de Nero, que morrera quando estava grávida.

[28] Há dúvidas no texto.

Romano em agitação e com propensão para a revolta, ou seja, toda a Gália, não fosse ele dar ouvidos aos que o requeriam para o poder. 2. É que ninguém tinha maior nome, ninguém detinha uma glória igual à de Virgínio, pois tinha ganho grande influência nos assuntos romanos, por ter arredado de uma só vez uma cruel tirania e a guerra da Gália. 3. Mas ele, também então, mantinha as decisões iniciais de reservar para o senado a escolha do imperador. 4. No entanto, quando se tornou pública a morte de Nero, a tropa começou de novo a pressionar Virgínio; e um dos tribunos, desembainhando a espada, na tenda, mandou Virgínio escolher: ou o império ou o ferro. 5. Quando Fábio Valente, comandante de uma legião, se adiantou a fazer o juramento em favor de Galba e chegou uma carta de Roma com as resoluções do senado, só com muita dificuldade logrou convencer os soldados a proclamarem Galba imperador. 6. Virgínio não só acolheu Hordeónio Flaco[29], que fora enviado para o substituir, como também, depois de lhe transmitir o comando, ele próprio foi ao encontro de Galba, que se aproximava, e acompanhou-o no regresso, sem receber qualquer manifestação de ódio ou apreço. 7. Tal comportamento devia-se, por um lado, ao próprio Galba, que tinha consideração pelo homem, e, por outro, aos amigos, e, de modo especial, Tito Vínio, que, por inveja, pensava desmerecer Virgínio, mas ignorava que estava precisamente a cooperar com o bom génio dele, que subtraía o homem às guerras e aos

[29] Ex-cônsul, fraco como comandante. Foi morto depois da vitória de Vespasiano.

males, ocupações que dominam os outros chefes, para uma vida de bonança e uma velhice cheia de paz e de quietude.

11. 1. Os emissários do senado encontraram Galba em Narbona, cidade da Gália, saudaram-no e exortaram-no a mostrar-se rapidamente ao povo desejoso de o ver. E ele procedia em todas as outras entrevistas e encontros com humanidade e simplicidade para com eles. 2. E, no que respeita aos banquetes, embora tivesse à mão numeroso mobiliário e o serviço real, entre as coisas de Nero que Ninfídio lhe fez chegar, o facto de não usar nada disso, mas tão-só o que lhe pertencia, contribuiu para a sua boa reputação, pois se mostrava homem de largos horizontes e superior à vulgaridade. 3. Mas rapidamente Vínio, que ia declarando estas manifestações de nobreza de carácter, de modéstia e de civilidade como demagogia, e a elegância incompatível com a grandeza, lá o convenceu a usar as riquezas de Nero e a não poupar o aparato real nas recepções. 4. E, em suma, o ancião dava a impressão de que iria ser dominado pouco a pouco por Vínio.

12. 1. Vínio era completamente escravo do dinheiro, mais do que qualquer outro, e dado às depravações das mulheres. 2. Pois, ainda novo, quando cumpria a sua primeira campanha[30] às ordens de Calvísio Sabino, introduziu de noite no acampamento a mulher

[30] Como tribuno militar.

do comandante, que era uma bardina[31], em roupas de soldado, e possuiu-a na residência de comando a que os Romanos chamam *principia*. 3. Por causa disso, Gaio César meteu-o na prisão, mas, com a morte deste imperador, teve a chance de ser libertado. 4. Num jantar em casa do César Cláudio, furtou um copo de prata. Ao tomar conhecimento do facto, o César convidou-o de novo para jantar no dia seguinte e, quando aquele convidado chegou, ordenou as serventes que lhe não trouxessem nem lhe colocassem à frente nada que fosse de prata, mas tudo de barro[32]. Verdade seja que tal facto, que então se tornara mais cómico devido à moderação de César, parecia motivo de riso, não de cólera; 5. já quanto ele levou a cabo, com Galba sob o seu domínio e com um poder ilimitado em questões de dinheiro, foi para uns a causa e para outros o pretexto de sofrimentos trágicos e de grandes desgraças.

13. 1 Então Ninfídio, logo que chegou junto de si Geliano, que ele enviara até Galba como uma espécie de espião – ao ficar a saber que fora designado como prefeito do palácio e da guarda pretoriana Cornélio Lacão e que Vínio partilhava de todo o poder, enquanto àquele (Geliano) nunca lhe foi dado estar perto de Galba nem encontrar-se com ele em particular, uma vez que todos suspeitavam dele e o vigiavam de perto – ficou perturbado. 2. E, depois de reunir os comandantes do

[31] Segundo Tácito (*Hist.* 1.48.2), ela própria teria entrado, movida por uma curiosidade torpe.

[32] Suetónio conta a mesma história (*Cl.* 32) sem identificar o larápio, por o nome não ser relevante para a biografia de Cláudio.

exército, disse-lhes que Galba era ele próprio um ancião avisado e moderado, mas que se atinha pouquíssimo às suas decisões e era mal orientado por Vínio e Lacão. 3. Ora, antes que eles obtivessem secretamente o poder que Tigelino detinha sobre os assuntos do estado, era preciso enviar do campo emissários ao imperador, para lhe explicarem que, bastava desfazer-se daqueles dois amigos e seria mais bem-vindo e desejado à sua chegada. 4. Mas, uma vez que não convenceu com estas palavras, pois pareceu absurdo e despropositado ensinar a um velho imperador quais os amigos que devia ter ou não ter, como se se tratasse de um jovem que apenas começava a degustar o poder, tomou outro caminho e escreveu a Galba, a alarmá-lo, quer pelos muitos segredos e inseguranças que a cidade continha, quer pelo facto de Clódio Macro reter na Líbia o transporte do trigo, e ainda por as legiões da Germânia se amotinarem e por chegar informação idêntica sobre as forças da Síria e da Judeia[33]. 5. Mas, como Galba não fazia o menor caso disso nem acreditava nele, decidiu tomar a dianteira no ataque. Entretanto, Clódio Celso de Antioquia, homem sensato, que lhe era favorável e leal, dissuadiu-o, dizendo não acreditar que alguma casa em Roma fosse nomear Ninfídio César. 6. Mas havia muitos que se riam de Galba, e Mitridates do Ponto[34], troçando da calvície e das rugas dele, disse que parecia que, de momento, ele era alguém para os Romanos, mas, quando o vissem,

---

[33] Estava em curso a revolta da Judeia de 66, que Vespasiano foi encarregado de debelar.

[34] Mitridates VII.

iria tornar-se manifesta a desgraça que eram todos dias em que ele fosse chamado imperador.

14. 1. Ficou estabelecido que, por volta da meia noite, conduziriam Ninfídio ao acampamento para o proclamar imperador. 2. Mas, quando chegou a noite, o primeiro dos tribunos, António Honorato, depois de reunir os soldados que tinha sob o seu comando, censurou-se a si próprio e censurou-os a eles por, em pouco tempo, levarem a cabo tamanhas reviravoltas, não segundo qualquer critério racional ou para escolher os melhores, mas por causa de algum génio que os conduzia de traição em traição. 3. Como motivação primeira havia as queixas contra Nero; mas agora iam abandonar Galba com que acusação de assassínio da mãe, ou de morte da esposa? Ou que tipo de teatro ou cantoria do imperador os envergonhava? 4. «Então não foi por estas razões que consentimos em abandonar Nero? E não o fizemos, convencidos por Ninfídio de que ele nos tinha abandonado primeiro e fugido para o Egipto? 5. Então vamos agora sacrificar Galba, depois de Nero; e, para escolher o filho de Ninfídia como César, vamos matar o parente de Lívia[35], tal como matámos o filho de Agripina? Ou vamos castigar este pelo que ele fez, de forma a nos mostrarmos vingadores de Nero e bons e fiéis guardiães de Galba?». 6. Quando o tribuno proferiu estas palavras, todos os soldados concordaram com ele; e, indo ao encontro dos outros, exortaram-nos a permanecerem fiéis ao imperador e fizeram a maior parte

[35] Cf. 3.2.

deles mudar de atitude. 7. Como se elevou um clamor, ou porque fosse persuadido, como pensam alguns, de que os soldados o chamavam já, ou porque se apressasse a tomar desde logo as rédeas ao alvoroço e à incerteza que persistia ainda, Ninfídio avançou, iluminado por muitas luzes, trazendo um discurso, redigido por Cingónio Varrão, que tinha decorado para arengar aos soldados. 8. Mas, ao ver fechadas as portas do campo e muitos homens armados ao longo das muralhas, ficou receoso e, avançando, perguntou o que pretendiam e por ordem de quem se tinham armado. 9. Ecoou a resposta de todos a uma só voz, de que reconheciam Galba como imperador; e ele, juntando-se aos soldados, aplaudiu e mandou os que o seguiam fazerem o mesmo. 10. Quando os que estavam à porta lhe facultaram a entrada, juntamente com uns poucos, foi imediatamente alvejado com uma lança: recebeu-a no escudo Septímio, que se interpôs. Mas como outros se precipitavam de espadas nuas, pôs-se em fuga e, perseguido, acabou por ser morto no aposento de um soldado. 11. Quanto ao corpo, depois de o arrastarem para o meio do campo e de o rodearem de uma barreira, ofereceram-no, no dia seguinte, à contemplação de quem queria ver.

15. 1. Tendo deste modo sido derrubado Ninfídio, Galba, quando tal soube, mandou matar os cúmplices dele que não tinham perecido na mesma ocasião; entre estes, Cingónio, que tinha escrito a arenga, e Mitridates do Ponto. Não pareceu legal, se bem que fosse justo, nem humano eliminar homens não pouco ilustres antes

de serem julgados. 2. É que todos tinham expectativas num outro género de governo, iludidos, como é habitual, pelo que se dizia ao princípio. Afligiu-os ainda mais o facto de um homem, que tinha sido cônsul e fiel a Nero, ter recebido ordem para se matar: Petrónio Turpiliano[36]. 3. Pois, ao eliminar Macro na Líbia, por obra de Trebónio, e Fonteio na Germânia, por obra de Valente, tinha como motivo o facto de eles estarem armados e ao comando de campos militares. 4. Quanto a Turpiliano, velho sem armas nem protecção, nada o impedia de mudar de resolução, se se tivesse a intenção guardar, de facto, a moderação apregoada nos escritos. 5. Tais são, pois, as censuras que lhe estão ligadas. E quando, no seu avanço, se encontrava a cerca de vinte e cinco estádios da cidade[37], deparou-se com uma horda barulhenta de marinheiros que ocupavam a estrada e refluíam de todos os lados. 6. Tratava-se daqueles que Nero tinha feito soldados, incorporando-os numa legião; e o motivo da sua presença ali era confirmar o seu estatuto militar, pelo que não permitiam aos que vinham encontrar-se com o imperador serem vistos ou ouvidos por ele, mas armavam confusão aos gritos, a pedir insígnias e um quartel para a legião. 7. Como, por acaso, Galba adiou e os mandou voltar mais tarde, eles, tomando o diferimento por uma forma de negação, ficaram zangados e acompanharam-no sem poupar os gritos. Uma vez que alguns também desembainharam as

[36] Fora governador da Britânia e tinha participado na repressão da conspiração dos Pisões contra Nero. Vide Tácito, *Hist.* 1.6.1; *Ann.* 14.39; 15.72.

[37] Cerca de 4,5 km.

espadas, Galba mandou os cavaleiros carregarem sobre eles. 8. Nem um só de entre eles resistiu, mas foram mortos, uns logo de frente, outros enquanto fugiam[38]; pelo que não ofereciam nem bom nem auspicioso augúrio a Galba, que entrava na cidade no meio de tanto sangue e de tantos cadáveres. 9. Ora, se antes havia quem o desprezasse, ao vê-lo como homem fraco e velho, tornou-se então para todos terrível e assustador.

16. 1. No desejo de alardear uma grande mudança no que toca aos donativos desmesurados e às extravagâncias de Nero, parecia que estava a passar das marcas da conveniência. 2. Tendo Cano tocado flauta para ele num jantar (Cano era um reputado executante), depois de aprovar com aplausos, ordenou que lhe trouxessem o cofre; e pegando em algumas moedas de ouro, deu-as a Cano, dizendo que o gratificava do seu próprio bolso, não dos cofres do estado[39]. 3. Depois de reclamar com veemência os donativos que Nero tinha feito ao pessoal do teatro e da luta, à excepção de uma

---

[38] Cf. Suetónio, *Gal.* 12.2. Díon Cássio (64.3.1-2) diz que eram pretorianos de Nero, o que é pouco provável. Nero tinha formado a legião *I Classicorum Adiutrix* a partir de marinheiros. O estatuto de legionários era claramente superior ao de marinheiros. Mas o texto de Tácito (*Hist.* 1.6.2) parece distinguir daquela legião os soldados massacrados por Galba, pelo que se poderá deduzir que estaria em constituição uma *II Adiutrix*, cujo estatuto ainda não estaria totalmente regularizado em 68. Mas o episódio é um tanto obscuro. Vide Murison 1992, 63.

[39] Suetónio apresenta recompensa apenas como sinal da avareza de Galba (*Gal.* 12.3) sem a inserir numa política de contenção contraposta à prodigalidade de Nero. Tácito (*Hist.* 1.49.3) dá uma imagem positiva da avareza de Galba.

décima parte, como, ainda assim, reunia uma pequena e magra soma (pois a maior parte dos beneficiários tinham gasto tudo, sendo homens que levavam uma vida airada e despreocupada), tratou de descobrir os que tinham comprado ou deles tinham tomado o que quer que fosse e fê-los pagar. 4. Como esta prática não tinha limites, antes se amplificava largamente e se estendia a muitos, o próprio imperador ganhou má reputação[40], mas a inveja e o ódio eram para com Vínio, que tornava o imperador avaro e mesquinho para com todos os outros, enquanto ele próprio acumulava de modo execrável, quer tomando quer vendendo tudo. 5. E já que Hesíodo diz[41]

> *enquanto se enceta e termina um jarro de vinho, deve-se beber à saciedade,*

Vínio, ao ver Galba fraco e velho, tratava de se saciar da sorte, como se esta, uma vez começada, estivesse já a caminho de se esgotar.

17. 1. Ora o ancião era prejudicado em primeiro lugar pela perniciosa actividade administrativa de Vínio, que desacreditava ou estorvava as boas propostas do próprio imperador. 2. Tal foi, por exemplo, o caso da punição dos agentes de Nero, pois mandou matar os escroques, entre os quais Hélio e Policlito e Petino e Patróbio. 3. E o povo aplaudia, e, quando eles foram conduzidos através do Foro; gritava que era uma

[40] Suetónio (*Gal.* 12.1) afirma: «tinham-no precedido a fama, que sobre ele corria, ao mesmo tempo de crueldade e avareza»

[41] *Trabalhos e Dias* 368.

processão bela e agradável aos deuses, mas que tanto os deuses como os homens pediam o mestre e o preceptor da tirania, Tigelino[42]. Mas este nobre adiantara-se, ao subornar previamente Vínio com generosos penhores. 4 . E, assim, Turpiliano, que era mal visto pelo facto de não ter traído nem odiado um imperador como aquele, mesmo sem ter sido conivente em grandes crimes, foi morto; ao passo que Tigelino, que tinha feito Nero merecedor da morte, abandonando-o e traindo-o quando esse momento chegou, continuava a viver – prova de peso de que através de Vínio, nada era impossível ou estava fora de alcance, mediante donativos. 5. Ora uma vez que não havia espectáculo que o povo romano desejasse de forma tão apaixonada como o de contemplar Tigelino a ser arrastado para a prisão, pelo que não cessava de exigir tal castigo em todos os teatros e estádios, foi repreendido por um edicto do imperador, no qual dizia que Tigelino não viveria muito mais tempo, consumido por uma doença que o minava, e lhes suplicava que não acirrassem o poder nem o tornassem tirânico[43]. 6. Para vexame do povo eles faziam troça deste: Tigelino fez um sacrifício pela sua salvação e preparou um esplendoroso banquete; quanto a Vínio, levantando-se, depois de um jantar junto do imperador, foi celebrar para casa do amigo e levou a filha, que estava viúva[44]. 7. E Tigelino

---

[42] O prefeito do pretório que tinha sido o braço armado de Nero. Vide atrás 2.1; 8.3; 13.3.

[43] Também Suetónio diz que Galba, num edicto em defesa de Tigelino, censura ao povo a sua crueldade (*Gal.* 15.2). Vide ainda Díon Cássio, 63.3.4.

[44] Chamava-se Crispina (Tácito, *Hist.* 1.47.2) e teria sido salva por Tigelino no reinado de Nero (Tácito, *Hist.* 1.72.2).

brindou à saúde dela, presenteando-a com vinte e cinco mil dracmas, e ordenou à primeira das concubinas que retirasse o adorno que tinha à volta do pescoço, para o colocar à volta do pescoço daquela – adorno esse que se dizia valer cento e cinquenta mil dracmas.

18. 1. E, desde então, até as acções moderadas eram objecto de calúnia, como é o caso do procedimento para com os Gauleses que tinham pegado em armas juntamente com Víndex: 2. pois supunha-se que não foi, por acaso, devido à generosidade do imperador, mas que compraram junto de Vínio quer a isenção do tributo, quer a cidadania. 3. Era por estas razões que muitos odiavam o poder do imperador. Quanto aos soldados, já que não tinham recebido o donativo prometido, nutriam, a princípio, a esperança de que, se ele lhes não desse tal soma, ao menos lhes desse quanto Nero tinha dado. 4. Mas quando, por lhe terem chegado aos ouvidos as queixas deles, proferiu palavras consonantes com um grande imperador – ao dizer que costumava recrutar soldados, não comprá-los[45] – foram acometidos, ao saberem de tal afirmação, de um ódio terrível e encarniçado contra ele. 5. Parecia-lhes, pois, que não seria só ele próprio a defraudá-los, mas que estava a fazer lei e a ensinar os imperadores que lhe sucedessem. 6. Mas, entre os que estavam em Roma, o movimento era

[45] O célebre dito é transmitido por Tácito, *Hist.* 1.5.2, Suetónio, *Gal.* 16.1, e Díon Cássio, 64.3.3. Para assegurar a lealdade dos pretorianos, Ninfídio Sabino tinha-lhes prometido um donativo elevado: vide acima 8.2.

ainda oculto, e, ao mesmo tempo, a reverência para com a presença de Galba dulcificava e adiava o movimento de revolta; e o facto de se não vislumbrar qualquer fundamento evidente da mudança tolhia e encobria, de alguma maneira, a animosidade deles. 7. Mas os que tinham estado primeiro sob as ordens de Virgínio e estavam então sob o comando de Flaco[46] na Germânia, julgando-se dignos de grandes recompensas, por causa da batalha que tinham travado contra Víndex, quando nada obtiveram, tornaram-se, para os comandantes, impossíveis de controlar[47]. 8. Em relação ao próprio Flaco, que se encontrava fisicamente incapacitado, por um forte ataque de gota, e era inexperiente naqueles assuntos, não faziam nenhum caso do que ele dizia. 9. E certa vez, durante um espectáculo, quando os tribunos e os centuriões faziam, segundo o uso romano, votos pela felicidade do imperador Galba, a multidão dos soldados pôs-se primeiro a fazer algazarra; de seguida, como aqueles continuavam com as preces, a soldadesca replicou: «se ele merecer!».

19. 1. Como também as legiões de Vitélio[48] agiam amiúde com semelhante insolência, foram enviadas cartas a Galba pelos seus procuradores. Este ficou com medo de que fosse desprezado não só por ser velho, mas também por não ter filhos e planeou perfilhar um

[46] Vide acima 10.6.

[47] Cf. Suetónio, *Gal.* 16.2.

[48] Futuro imperador (Abril a Dezembro de 69 d.C.), sucessor de Otão. Galba nomeara-o comandante das legiões da Baixa Germânia, por achar que não constituía perigo para o seu poder: pois, segundo um dito atribuído a Galba, Vitélio só se interessava por comida e bebida: cf. Suetónio, *Vit.* 7.1.

jovem de entre os ilustres e designá-lo como sucessor no poder. 2. Havia Marco Otão[49], homem de uma não obscura linhagem, mas que fora corrompido logo desde a infância pela luxúria e amor dos prazeres como poucos romanos o foram[50]. E tal como Alexandre, que Homero apelida frequentemente de "esposo de Helena de belos cabelos" – pois, nada encontrando de glorioso nele, o exalta pelo nome da mulher –, também Otão se tinha tornado famoso em Roma por causa do casamento com Popeia: 3. por esta se apaixonou Nero, quando ela era esposa de Crispino; mas como respeitava ainda a sua esposa[51] e temia a mãe[52] encarregou Otão de tentar seduzir Popeia. 4. Nero tomou Otão como amigo e companheiro por causa da sua prodigalidade; e deliciava-o ser frequentemente tomado como objecto da troça daquele no tocante a mesquinhez e avareza[53]. 5. Diz-se que, uma vez, como Nero se ungiu com um perfume dos bem caros e enfrascou também Otão, este, ao recebê-lo, por sua vez, no dia seguinte, fez avançar

[49] Será o sucessor de Galba (Janeiro a Abril de 69 d.C.).

[50] Diz Suetónio (*Otho* 2.1.): «Desde o início da sua juventude foi de tal modo pródigo e licencioso que muitas vezes foi castigado pelo pai a golpes de chicote, e dizia-se que costumava deambular de noite e agarrar alguns fracos ou ébrios com que deparava: colocava-os num saio esticado e atirava-os ao ar». A conduta era semelhante à de Nero (Suetónio, *Nero* 26.1-2)

[51] Octávia, filha de Cláudio.

[52] Agripina, filha de Germânico e Agripina Maior, assassinada em 59 d.C.

[53] Suetónio (*Otho* 2.2) diz que a amizade se consolidara «pela compatibilidade de hábitos, e ainda, como alguns dizem, pelas recíprocas relações carnais». Díon Cássio, 64.8.3, confirma a homossexualidade de Otão, mas com os favoritos de Nero.

subitamente de todos os lados tubos de prata e ouro que os aspergiam com perfume e os encharcavam como se de água se tratasse[54]. 6. De facto, Otão assediou Popeia por Nero e, corrompendo-a com a promessa de que se destinava àquele, convenceu-a a deixar o marido. 7. Mas, quando ela foi para casa dele como esposa, ele não se contentava com a partilha, mas agastava-o o facto de a ceder, sem que Popeia lamentasse, segundo dizem, tal ciúme. 8. Pois até se diz que ela fechou as portas a Nero, quando Otão não estava presente, fosse para evitar saciar o prazer, fosse, como dizem alguns, porque lhe desagradava o casamento com o César, ao passo que não se furtava em tomá-lo como amante, dada a sua concupiscência. 9. Então Otão correu perigo de morte; e foi extraordinário que, tendo Nero matado a esposa e irmã, por causa do casamento com Popeia, poupasse Otão[55].

---

[54] Dispositivos que permitiam espalhar flores e perfumes sobre os convivas seriam lugares-comuns na descrição de palácios sumptuosos, como na *Domus Aurea* de Nero (Suetónio, *Nero* 31.2), com ecos em Petrónio (*Sat.* 60), Séneca (*Moral.* 90. 15) e na *História Augusta*: um artifício semelhante será, mais tarde, atribuído à sala de jantar de Heliogábalo (SHA, *Hel.* 90.15). O *artifex* Nero admirava estas novidades.

[55] Suetónio (*Otho* 3.1-2), que dá maior protagonismo a Otão, diz que foi ele a recusar entrada ao próprio Nero, enquanto este, diante da porta, misturava ameaças e súplicas. Tácito (*Ann* 13.45-46) diz que Otão louva ostensivamente os dotes da esposa; mas, em *Hist.* 1.13.3, atesta que foi Nero quem a confiou a Otão, enquanto resolvia a questão de Octávia, mas que depois, suspeitando que ele fosse amante dela, o afastou para a Lusitânia. Díon Cássio (61.11.2) diz que ambos fruíam dela.

20. 1. Mas tinha por ele a benevolência de Séneca, que tratou de convencer e aconselhar Nero, e Otão foi enviado para junto do Oceano como governador dos Lusitanos. 2. Mas não se mostrou desagradado nem agravado com os súbditos[56], mesmo sabendo que o cargo que lhe foi dado era um exílio suavizado e encapotado[57]. 3. Aquando da revolta de Galba, foi o primeiro dos governadores a juntar-se-lhe[58]; e, levando consigo quantas taças e mesas tinha de prata e ouro, deu-lhas, para que ele as fundisse e fizesse moeda, e presenteou-o com os escravos que estavam acostumados a servir de forma elegante em casa de um imperador. 4. E em tudo lhe era leal, e, pelas provas que deu, não parecia ser inferior a ninguém no que toca à experiência prática. Enquanto fazia toda a viagem juntamente com Galba, seguiu por vários dias no mesmo carro. 5. Na partilha íntima da viagem ganhou a amizade de Vínio através do trato e de presentes; mas, acima de tudo, ao deixar-lhe o primeiro lugar, assegurava, por intermédio daquele, um poder firme a seguir ao dele. E não era de modo algum mal visto, porque ajudava de forma totalmente gratuita os que necessitavam e se mostrava

[56] Suetónio (*Otho* 3.2) observa que ele administrou a província durante dez anos com exemplar *moderatio atque abstinentia*. Ideia semelhante em Tácito, *Hist.* 1.13.4, e *Ann.* 13.46.3.

[57] Segundo Suetónio (*Otho* 3.2), a farsa foi denunciada num dístico anónimo: «Querem saber a razão por que está no exílio Otão com uma honra fingida? / Tinha-se tornado amante da própria mulher».

[58] Suétonio (*Otho* 4.1) apresenta a ligação a Galba como uma espécie de vingança contra Nero: «quando finalmente lhe foi dada a oportunidade de se vingar, foi o primeiro a aderir às tentativas de Galba».

afável e bondoso para com todos. 6. Ajudava sobretudo os militares e promovia muitos a postos de comando, nuns casos, solicitando-os ao imperador, noutros, por apelo a Vínio e aos libertos Ícelo e Asiático[59], pois eram estes os que detinham o maior poder entre o pessoal da corte. 7 Sempre que recebia Galba ao jantar, subornava a coorte da guarda, distribuindo a cada um uma moeda de ouro, com o que parecia honrar o imperador, ao mesmo tempo que aliciava e atraía o favor da milícia[60].

21. 1. Mas, uma vez que, então, Galba deliberava sobre a sucessão, Vínio tratou de propor Otão; e não o fazia sem retorno, mas em vista de um casamento para a filha[61], pois tinham acordado que Otão casaria com ela, depois de ter sido indigitado como filho adoptivo e sucessor de Galba no governo imperial. 2. Mas Galba sempre demonstrara que colocava o interesse público à frente do seu e que procurava escolher não o que mais lhe agradava, mas o que fosse mais benéfico para os romanos. 3. E parece que não terá escolhido Otão como único herdeiro dos seus bens particulares, por ter percebido que ele era licencioso, perdulário e que estava afundado

[59] Plutarco refere por engano este liberto de Vitélio. Devia querer referir-se a Cornélio Lacão (cf. 13.1), que era favorito de Galba, juntamente com Vínio e Ícelo.

[60] Liberalidades de Otão que, em Suetónio, figuram na *Vida* do próprio (*Otho* 4.2). Diz o biógrafo latino que Otão distribui moedas de ouro à coorte pretoriana da guarda e procura, por todos os meios, o favor dos outros corpos militares «de modo que seria difícil encontrar algum que não achasse e não proclamasse que ele era o único digno de suceder no império».

[61] Vide atrás 17.6.

numa dívida de cinquenta milhões de dracmas[62]. Pelo que, depois de ouvir Vínio em segredo e com calma, adiou a decisão. 4. Como se tinha designado cônsul, com Vínio por colega, esperava-se que ele anunciasse o sucessor no início do ano[63]. Quanto à soldadesca, agradava-lhe que fosse nomeado Otão, mais do que qualquer outro.

22. 1. Continuava ele hesitante e a deliberar quando foi tomado de surpresa pelo estalar de revoltas nas tropas da Germânia: 2. é que, se, de uma assentada, todos os militares odiavam Galba, por este lhes não ter concedido o donativo[64], aqueles apresentavam como motivos de agravo próprios o facto de Virgínio Rufo ter sido desonrado com a rejeição[65]; e que aos Gauleses, que tinham lutado contra eles, tinham tocado em sorte recompensas[66], ao passo que eram castigados todos quantos se não tinham associado a Víndex – o único a quem Galba se mostrava grato e honrava depois de morto; e celebrava sacrifícios públicos, como se através daquele tivesse sido designado imperador dos Romanos. 3. Já estas palavras circulavam abertamente pelo acampamento, quando chegou o primeiro dia do primeiro mês, data a que os Romanos chamam calendas de Janeiro.

[62] Suetónio (*Oth*. 5.1) sugere que a pressão das dívidas o impulsionou Otão para tomar o poder, pois tanto lhe fazia morrer a tentar conquistá-lo pela força como, no foro, às mãos dos credores.

[63] O ano de 69 d.C.: que viria a ser o ano dos quatro imperadores: Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano.

[64] Prometido por Ninfídio Sabino: cf. 2.2; 18.4.

[65] Cf. 10.1-7.

[66] Cf. 18.1-2.

4. Tendo Flaco[67] reunido os soldados para o juramento, que é costume prestar ao imperador, eles, dirigindo-se para as estátuas de Galba, derrubaram-nas e despedaçaram-nas, e, depois de prestarem juramento ao senado e ao povo romano, destroçaram[68]. 5. Então os oficiais começaram a temer a anarquia como forma de revolta; e um deles disse-lhes: 6. «Que tememos nós, camaradas, que nem criamos outro imperador, nem preservamos o que continua a sê-lo, como se evitássemos não Galba, mas todo o governante e governo. 7. Hordeónio Flaco, que não é outra coisa senão uma sombra e imitação de Galba, deve ser descartado, mas, a um dia de distância de nós, está Vitélio, o comandante da outra Germânia[69] - o pai dele foi censor e três vezes cônsul e associado, de certo modo, ao poder do César Cláudio[70], e ele próprio, com a pobreza que alguns lhe censuram, dá brilhantes provas de bondade e liberalidade[71]. 8. Vamos lá elegê-lo, para mostrar a todos os homens que somos melhores que os Iberos e Lusitanos no que toca a escolher

---

[67] O sucessor de Virgínio Rufo: cf. 10.6; 18.8.

[68] Segundo Tácito (*Hist.* 1.12.1), as legiões da Germânia Superior entregavam a eleição ao senado e ao povo romano, para atenuarem o carácter insurreccional do movimento. Suetónio (*Gal.* 16.2) diz que enviam aos pretorianos uma delegação a exigir a escolha de um imperador capaz de reunir o consenso. Suetónio, seguindo um método centrado no biografado, desmembra a narração deste facto entre as *Vidas* de Galba e de Vitélio (cf. Suet. *Vit.* 8.1).

[69] Vitélio era o comandante da Germânia Inferior, sediado em Colónia Agripinense. Será imperador a seguir a Otão, de Abril a Dezembro de 69, e, depois, derrotado pelos partidários de Vespasiano e linchado em Roma.

[70] Assumiu a regência do Império na ausência de Cláudio, por altura da expedição de conquista da Britânia. Cf. Tácito *Hist.* 1.9.1; 1.52.4; Suetónio, *Vit* . 2.4.

[71] Cf. Suetónio, *Vit.* 7.3.

um imperador». 9. Tendo esta proposta sido aprovada por uns e desaprovada por outros, um porta-estandarte saiu à socapa e foi contar a Vitélio de noite, estava este em companhia de numerosos convidados. 10. Uma vez que o boato se espalhou pelo campo, em primeiro lugar, Fábio Valente, comandante de uma legião, foi, no dia seguinte, juntamente com grande número de cavaleiros, saudar Vitélio como imperador. 11. Quanto a este, parecia, nos dias anteriores, repudiar o poder e esquivar-se, temeroso da magnitude da empresa, mas, naquela altura, estando, segundo dizem, empanturrado com o vinho e a comida do almoço, avançou diante das tropas e aceitou o nome de Germânico que lhe atribuíam, recusando, contudo, o de César[72]. 12. Imediatamente, também o exército de Flaco, abandonando os belos juramentos democráticos ao senado, jurou que iria submeter-se às ordens do imperador Vitélio.

23. 1. Foi deste modo que Vitélio foi proclamado imperador na Germânia. E, ao ter conhecimento da revolta, Galba não adiou mais o processo de adopção. 2. Embora soubesse que, de entre os seus amigos, alguns faziam campanha por Dolabela, e a maior parte por Otão, ele próprio não aprovava nem um nem outro, e subitamente, sem qualquer anúncio prévio, mandou chamar Pisão, filho de Crasso e Escribónia, que Nero mandara executar[73]:

[72] Observação semelhante se encontra em Suetónio, *Vit*. 8.2, e Tácito, *Hist*. 1.62.2.

[73] Dolabela pertencia à família dos Cornélios e casou com Petrónia, a anterior esposa de Vitélio. Nenhuma outra fonte o aponta como possível sucessor. Otão afasta-o de Roma (*Oth*. 5.1).

jovem possuidor de uma feliz inclinação para toda a espécie de virtude e de manifesta modéstia e austeridade. Galba desceu, pois, ao acampamento dos pretorianos para designar aquele jovem como César e sucessor. 3. No entanto, enquanto ele se punha a caminho, grandiosos prodígios o acompanharam. E quando ele começou a proferir e a ler a arenga no acampamento[74], foram tantos os trovões e relâmpagos, foi tal a tempestade que desabou e tal escuridão sobre o campo e a cidade, que se tornava evidente que a divindade não aprovava nem favorecia a adopção, que se não apoiava em nada de auspicioso. 4. Acrescia a hostilidade encoberta e o ressentimento dos soldados, já que nem então lhe fora dado o donativo[75]. 5. Quanto a Pisão, os presentes ficavam admirados pelo facto de ele, a julgar pela voz e expressão do rosto, receber tamanha graça sem se alterar, se bem que não lhe fosse indiferente; ao passo que Otão dava diversos sinais do desapontamento e da cólera com que suportava a frustração das suas esperanças – uma vez que tinha sido considerado o primeiro digno de tal honra e estava bem perto de a

---

A adopção deu-se a 10 de Janeiro de 69. Calpúrnio Frugi Pisão Licininano era filho de M. Licínio Crasso, marido de Escribónia, e foi adoptado por Lúcio Calpúrnio Pisão Licininano. Os pais de Pisão foram mortos por Cláudio, não por Nero, como noticia Séneca, *Apocoloc.*11.2.

[74] Tácito (*Hist.* 1.15-16) cria um discurso sobre a excelência do sistema adoptivo.

[75] Tanto Suetónio (*Galba* 17) como Tácito (*Hist.* 1.18.2) referem a ausência do donativo. Mas enquanto para Tácito a ausência do donativo é motivo de louvor, para Suetónio é sinal de avareza. Tácito acentua a facilidade com que Galba poderia ter segurado a situação e lastima que o rigor de outros tempos se tenha tornado impopular (*Hist.* 1.18.3).

alcançar, o facto de a não obter facultava-lhe a prova do ódio e da má vontade de Galba para com ele. 6. Daí que não deixasse de temer pelo seu futuro; mas, receoso de Pisão, lançando censuras a Galba e furioso contra Vínio, retirou-se, inundado por um turbilhão de sentimentos. 7. É que os adivinhos e os Caldeus, que andavam sempre à volta dele, não o deixavam de modo algum abandonar a esperança nem o dissuadiam; e acima de tudo, Ptolemeu[76], que mantinha de forma obstinada as suas frequentes predições, de como Nero não o mataria, mas morreria primeiro, e de como ele próprio iria sobreviver e governar os romanos: pois, ao mostrar-lhe a verdade de um parte da predição, postulava que não devia desesperar da outra. 8. E não menos os que com ele simpatizavam secretamente e lamentavam a ingratidão que ele sofrera, bem como a maior parte dos que por intermédio de Tigelino e Ninfídio tinham sido elevados às honras: agora, afastados e reduzidos a actividades humildes, ligavam-se a ele na revolta, partilhavam a desonra e incitavam-no.

24. 1. E, entre estes, se encontravam Vetúrio e Bárbio, um *optio*, outro *tesserarius* – assim se designava entre os romanos os que desempenhavam os serviços de mensageiro e de reconhecimento[77]. 2. Juntamente com estes, Onomasto, liberto de Otão, andou a corromper, a uns com dinheiro, a outros com

[76] Tácito (*Hist.* 1.22.2) também diz que o astrólogo se chama Ptolemeu. Mas Suetónio (*Otho* 4.1) Chama-lhe Seleuco, talvez por confusão com um astrólogo da corte de Vespasiano (cf. Tácito, *Hist.* 2.78.1).

[77] Cf. Tácito 1.25.1. Os *tesserarii* estariam encarregados de transmitir a senha entre as unidades.

esperanças, soldados já instáveis e que só estavam à espera de um pretexto. 3. De facto, não eram de modo algum suficientes para converter um acampamento[78] impoluto os quatro dias que mediaram entre a adopção e o assassínio; já que eles foram mortos[79] no sexto dia depois – aquele a que os romanos chamam o décimo oitavo antes das calendas de Fevereiro[80]. 4. Naquele dia, de manhãzinha, Galba fez um sacrifício no Palatino na presença dos amigos, e o sacrificador Umbrício, assim que tomou nas mãos as entranhas da vítima imolada e as inspeccionou, declarou, sem ser por enigmas, mas abertamente, que via ali sinais de grande tumulto e que um perigo, incluindo traição, pendia sobre a cabeça do imperador – pouco faltou para que a divindade entregasse Otão, preso, nas mãos do poder, 5. pois este estava atrás de Galba e seguia com atenção o que Umbrício dizia e mostrava. 6. Como Otão estava perturbado e ficava de todas as cores por causa do receio, o liberto Onomasto, avizinhando-se dele, disse que tinham chegado os arquitectos e o esperavam na sua casa: era este o sinal indicativo do momento exacto em que Otão tinha de ir ao encontro dos soldados. 7. Dizendo, então, que, por ter comprado uma casa antiga, queria mostrar aos vendedores os defeitos, abalou e, descendo através da

[78] Trata-se do campo pretoriano.

[79] Galba e Pisão.

[80] Ou seja 15 de Janeiro de 69. Quatro dias estavam de permeio entre este e o dia da adopção (10 de Janeiro). Mas segundo a forma de cálculo dos antigos, o dia 15 era o sexto, porque eles contavam todos os dias, neste caso também o 10 e o 15.

chamada Casa de Tibério, chegou ao Foro, no sítio onde está levantada uma coluna de ouro, na qual terminam todas as vias que cruzam a Itália[81].

25. 1. Aí primeiro o receberam e aclamaram como imperador os soldados, que, segundo se diz, não eram mais de vinte e três. 2. Por conseguinte, apesar de não ter o espírito amolecido, em consonância com o corpo fraco e efeminado – na verdade, era valente e firme em presença dos perigos – ficou deveras receoso[82]. 3. No entanto, os presentes não o deixavam desistir, mas, rodeando a liteira com as espadas nuas, mandavam levá-lo, enquanto ele próprio murmurava constantemente que estava perdido e apressava os carregadores da liteira[83]. De facto, alguns que o

[81] Coluna erguida por Augusto em 20 a.C. nas imediações do templo de Saturno. Representava o ponto de convergência das vias que saíam da cidade . Tinha gravados os nomes das principais cidades do império e as respectivas distâncias da Urbe. Cf. Tácito, *Hist*. 1.27.2.

[82] A tradição historiográfica apresenta Otão como efeminado quanto ao corpo e hábitos, mas viril de alma: Suetónio, *Otho* 12.1; Tácito, *Hist.* 1.22.1. Cf. Marcial, 6.32.

[83] Pormenores semelhantes são referidos por Tácito (*Hist.* 27). Suetónio (*Otho* 6.3) dá-nos uma relato dramático pelo contraste entre a urgência e as delongas: «Então, escondendo-se à pressa numa liteira de mulher, dirigiu-se apressadamente para o acampamento. Mas, como os carregadores já estavam exaustos, desceu e começou a correr. Porque se desapertou um sapato, parou; até que, prescindindo de mais demoras, foi levado em ombros e saudado imperador pelo séquito presente e, entre alegres aclamações e espadas desembainhadas, chegou ao quartel-general. Pelo caminho, iam aderindo também outros, como se não fossem outra coisa senão cúmplices e participantes». O biógrafo nota que se trata de uma liteira de mulher, o que está em consonância a tradição historiográfica de um Otão efeminado quanto ao corpo e hábitos de vida e aparece em contradição com a magnitude da empresa que tem pela frente.

ouviram ficavam mais admirados que perturbados pela exiguidade do número dos que se aventuravam a tal temeridade. 4. Mas, enquanto era transportado através do Foro, outros tantos vieram ao encontro deles, e, depois, outros mais se iam associando em grupos de três ou de quatro. De seguida, todos regressavam ao acampamento, enquanto o proclamavam César e brandiam as espadas nuas. 5. O tribuno que fazia guarda ao campo, Marcial, não estava ao corrente, segundo dizem, mas, atónito perante o inesperado da situação e com receio, deixou-os entrar. 6. Uma vez lá dentro, ninguém mais se lhe opôs – é que os que ignoravam o que se passava, dispersos individualmente, ou dois a dois, rodeados pelos que sabiam e estavam associados à preparação da intentona, juntaram-se aos revoltosos, antes de mais, pelo medo e, depois, pela persuasão.

7. A novidade foi trazida imediatamente a Galba, ao Palatino, onde continuava presente o sacrificador, ainda com as entranhas da vítima nas mãos, de modo que os que até ali se mantinham cépticos em relação a tais predições e permaneciam irredutíveis, ficaram cheios de temor e admiração pela divindade. 8. Mas, como uma multidão de todo o género de pessoas afluía vinda do Foro, Vínio, Lacão e alguns dos libertos postaram-se ao lado do imperador de espadas nuas em punho; e Pisão saiu para ir falar ao corpo da guarda do palácio[84]. 9. E, dado que a legião da Ilíria estava acantonada no chamado

[84] Tácito (*Hist.* 1.29.2-30.3) desenvolve longamente a arenga de Pisão aos soldados pretorianos de guarda ao palácio.

Pórtico de Vipsânio[85], foi enviado Mário Celso, homem honesto, para a manter fiel.

26. 1. Estava Galba com a intenção de avançar, com a oposição de Vínio (enquanto Celso e Lacão o incentivavam[86] e se pegavam violentamente com Vínio), quando se espalhou o rumor insistente de que Otão fora morto no campo pretoriano[87]. 2. E, pouco depois, foi avistado Júlio Ático[88], soldado de modo algum insignificante entre os da guarda, que avançava, brandindo espada nua, e gritava que tinha matado o inimigo de César. Forçando a passagem através dos presentes, foi mostrar a espada ensanguentada a Galba. 3. Este olhou para ele e exclamou: «Quem foi – disse ele – que te deu a ordem?». Respondeu o homem que foi a fidelidade e o juramento que tinha prestado, e a multidão gritou que ele tinha procedido bem e aplaudiu. Galba entrou na liteira e foi levado com o intuito de ir fazer um sacrifício a Júpiter e mostrar-se aos cidadãos. 4. Mas, ao alcançar o Foro, como uma mudança de vento, chegou-lhe a notícia de que Otão tinha o exército sob o seu poder. 5. E, como é normal em tamanha multidão, enquanto uns gritavam para recuar, outros para avançar, outros para ter confiança, outros para ter cuidado, e a liteira, como no meio das vagas, era levada daqui para

[85] O Pórtico de Agripa, no Campo de Marte.

[86] Segundo Tácito (*Hist*. 1.32.2-33) eram Lacão e Ícelo os que aconselhavam a ir tomar conta da situação.

[87] Um rumor espalhado propositadamente pelos conjurados, para o fazerem sair do palácio, segundo Suetónio (*Gal.* 19.2).

[88] Cf. Díon Cássio, 64.6.2, e Tácito, *Hist.* 1.35.2.

ali e oscilava continuamente, aparecem, primeiro, os cavaleiros e, logo, a infantaria, carregando do lado da Basílica de Paulo[89], gritando alto a uma só voz para que todo o civil saísse do caminho. 6. Gerou-se então uma correria da multidão, não para se dispersar na fuga, mas para tomar lugar nos pórticos e nos lugares elevados, como que para assistir a um espectáculo. 7. Depois de Atílio Virgílio ter derrubado a estátua de Galba, deram início à luta, alvejando a liteira com dardos de todos os lados. Mas como lhe não acertaram, arremeteram de espadas desembainhadas. 8. Ninguém o defendeu, nem ninguém opôs resistência, à excepção de um homem apenas, o único que o sol viu entre tantos milhares mostrar-se digno do Império Romano: era o centurião Semprónio Denso, que nenhum benefício pessoal tinha recebido de Galba, mas que, em obediência à honra e à lei, se postou diante da liteira. 9. Primeiro, elevando a vergasta de vide, com que os centuriões castigam os que merecem ser chicoteados, gritou aos atacantes e intimou-os a pouparem o imperador. 10. Depois, quando eles ficaram ao alcance da mão, desembainhou a espada e resistiu durante longo tempo, até cair, ferido nos jarretes[90].

27. 1. Quanto a Galba, uma vez que a liteira se virou na zona do chamado Lago Cúrcio[91], rolou,

---

[89] A Basílica Emília, construída em 178 por Lúcio Emílio Paulo, o vencedor de Pidna, e restaurada por Augusto.

[90] Segundo Tácito (*Hist.* 1.43.1), o centurião defendeu Pisão.

[91] Uma estrutura existente no Foro, associada a lendas do tempo real, e que representaria a relação religiosa com as profundezas da

coberto com a couraça, pelo chão, enquanto os soldados acorrendo o feriram. Mas ele, oferecendo a garganta disse: «façam-no, se é o melhor para o povo romano»[92]. 2. Depois de receber diversos golpes nas pernas e nos braços, foi degolado, segundo a maioria dos autores propõe, por Camúrio, um soldado da décima quinta legião. 3. Alguns relatam que foi por Terêncio, outros por Lecânio e outros por Fábio Fabulo, que, acrescentam eles, lhe cortou a cabeça e a levou recolhida no manto, por ser difícil de agarrar devido à calvície. 4. De seguida, visto que os que com este estavam não deixavam esconder a façanha, mas queriam mostrá-la a todo o mundo, espetou-a numa lança e, agitando para trás e para diante o rosto de um velho governador moderado e de um pontífice e cônsul, corria como as Bacantes[93], a rodopiar muitas vezes e a sacudir aquela lança a escorrer sangue. 5. Quanto a Otão, dizem que, quando a cabeça lhe foi levada, gritou: «isto não é nada, camaradas, mostrem-me a cabeça de Pisão!» 6. E, pouco depois, era-lhe trazida. É que o jovem, já ferido, escapou, e, perseguido por um certo

---

terra. Os romanos lançavam para ali moedas fazendo votos pela saúde do imperador (Suet. *Aug*. 57.1). Há muito que era um local seco.

[92] Suetónio (*Gal*. 20.1) e Tácito (*Hist*. 1.41.2) apresentam duas versões das palavras de Galba: uma primeira menos dignificante, em que tenta acalmar os assassinos; e uma segunda, mais corajosa, que, no essencial, corresponde à transmitida por Plutarco. Vide Introdução.

[93] Levando na ponta do tirso a cabeça de Penteu: cf. Eurípides, *Bacc*. 1153ss. Suetónio (*Galba* 20.2) diz que troçavam da sua aparência de ancião: «Galba, Amorzinho, goza a tua juventude!». Vide Introdução.

Murco, foi degolado junto ao santuário de Vesta[94]. 7. Foi degolado também Vínio, embora sugerisse que era cúmplice na conspiração contra Galba, pois gritava que era morto contra o desejo de Otão. 8. Assim, depois de também lhe terem cortado a cabeça, bem como a Lacão, levaram-nas a Otão, para pedir recompensas. 9. Como lá diz Arquíloco[95],

> *São, pois, sete os caídos por terra, que pisámos aos pés,*
> *mas somos mil os matadores,*

assim, nessa altura, muitos dos que não tiveram parte na matança, ensanguentavam as mãos e as espadas e iam exibi-las a Otão, a pedir recompensas, apresentando petições por escrito. 10. Pelo menos cento e vinte foram encontrados mais tarde a partir destes registos – a todos Vitélio descobriu e condenou à morte. 11. E também Mário Celso veio ao acampamento, e, embora muitos o acusassem de aconselhar os soldados a ajudarem Galba[96] e a multidão clamasse pela sua morte, Otão não o consentiu. 12. Mas, receando contradizê-los, disse que não se devia entregá-lo sem mais à morte, pois havia coisas que era preciso primeiro inquirir do homem. Mandou então prendê-lo e guardá-lo; e confiou-o àqueles em quem tinha maior confiança.

---

[94] Segundo Tácito (*Hist*. 1.43.2), Pisão refugiou-se no templo, tentando salvar-se pelo respeito religioso que o lugar impunha. Mas foi arrastado e morto às portas do templo.

[95] Fr. 101 West.

[96] Vide atrás 25.9.

28. 1. O senado imediatamente aplaudiu, e, como se tivessem transformado noutros, ou os deuses tivessem mudado, reuniam-se para prestar a Otão o juramento, que ele próprio tinha prestado[97], sem o ter observado. E proclamavam-no César e Augusto, ainda os cadáveres decapitados jaziam nas suas roupas consulares no Foro. 2. Quanto às cabeças, como não tinham já qualquer utilidade, a de Vínio foi cedida à filha dele por duas mil e quinhentas dracmas; a de Pisão recebeu-a a esposa Verânia, depois de a ter reclamado; a de Galba foi oferecida aos escravos de Patróbio e Tigelino. 3. Aqueles tomaram-na e depois de lhe infligirem toda a espécie de maus tratos e insultos, lançaram-na no sítio onde se dá a morte aos que são castigados pelos Césares – o local chamado *Sessorium*. 4. Quanto ao corpo de Galba, foi levantá-lo Helvídio Prisco[98] com autorização de Otão, e Argio, um liberto, deu-lhe sepultura durante a noite.

29. 1. Tal foi a vida de Galba, varão que tanto pelo nascimento, como pela riqueza, não ficava nada atrás de grande número de Romanos, e que, pela união da riqueza e do nascimento, tomou o primeiro lugar entre os do seu tempo. 2. Tendo vivido sob o principado de cinco imperadores com honra e glória, de modo que foi pela sua fama, mais que o seu poder, que destronou Nero…[99] Dos conjurados de então, a uns ninguém os considerou dignos do império; outros não se

[97] A Galba, entenda-se.

[98] Filósofo estóico exilado por Vespasiano. Vide Suetónio, *Vesp.* 15; Tácito *Hist.* 4.5-6.

[99] Lacuna do texto.

consideraram dignos eles próprios. 3. Galba, chamado a ser imperador, aceitou; e, depois de emprestar o nome à coragem de Víndex, o seu movimento revolucionário, classificado como uma insurreição, causou uma guerra civil, porque encontrou um homem apto para o poder. 4. Daí que, na intenção não de tomar os afazeres do governo em seu proveito, mas antes de se entregar a si próprio aos afazeres, pensava comandar os homens domesticados por Tigelino e Ninfídio, como Cipião, Fabrício e Camilo tinham comandado os Romanos de antanho. 5. E, apesar de debilitado pela velhice, até nas armas e nos exércitos ele era um imperador íntegro e à moda antiga, e, se se entregou nas mãos de Vínio e Lacão, que de tudo faziam comércio, tal como Nero se entregou nas mãos dos mais insaciáveis, não deixou ninguém a lamentar o seu governo, ao passo que deixou muitos cheios de piedade pela sua morte.

*Vida de Otão**

* Outras fontes de informação sobre este imperador são: Suetónio, *Gal.*; Tácito, *Hist.* 1.46-2.49; Díon Cássio, 64.10-15.

1. 1. O novo imperador dirigiu-se ao romper do dia ao Capitólio para fazer um sacrifício e, tendo mandado trazer Mário Celso junto de si, cumprimentou-o e conversou com ele de forma amigável e convidava-o a esquecer a sua culpa mais que a recordar a libertação. 2. Celso respondeu sem deslustre nem ingratidão, dizendo que a própria acusação lhe conferia a honradez de carácter, uma vez que era acusado de se ter mantido fiel a Galba, a quem não devia nenhum favor[1]. Os presentes ficaram deliciados com a atitude de ambos e o exército aplaudiu. 3. No senado, Otão discursou de forma democrática e benevolente. Do tempo que lhe cabia ser cônsul dispensou parte a Virgínio Rufo, e manteve a dignidade consular a todos os cônsules designados por Nero ou Galba. 4. Quanto aos sacerdócios, atribuiu-os aos que se destacavam pela idade ou pela glória. E aos senadores exilados por Nero, que regressaram com Galba, devolveu a cada um os bens ainda não vendidos e que era possível encontrar. 5. Daí que os primeiros e mais ilustres cidadãos, que antes tremiam de medo de que não se tratasse de um homem, mas de algum castigo ou divindade vingadora, caída de repente sobre a governação, foram adoçados pelas esperanças em relação ao poder, que se lhes apresentava sorridente.

[1] Cf. *Galba*, 27.11.

2. 1. Mas nada uniu todos os romanos na satisfação nem conciliou tanta simpatia para com ele como o tratamento dado a Tigelino. 2. Este tinha já sido punido em segredo, quer pelo próprio medo da punição, que a cidade exigia como dívida pública, quer pelas doenças incuráveis do corpo. As próprias cabriolas infames e indizíveis entre vis prostitutas, pelas quais, mesmo à beira da morte, a sua licenciosidade de vida palpitava, eram consideradas pelos moderados como castigo bastante e equivalente a muitas mortes. 3. Mas causava incómodo à maioria que ele continuasse a ver a luz do sol, depois de muitos e óptimos cidadãos a não verem já, por causa dele. Por conseguinte, enviou-lhe Otão um mensageiro aos campos de Sinuessa[2], pois ele ali passava os dias, com navios ancorados, de modo a fugir para mais longe. 4. Ele tentou convencer o mensageiro, oferecendo-lhe grande quantidade de ouro, a deixá-lo partir. Mas, embora não tenha conseguido, nem por isso lhe deu menos presentes, e suplicou um tempo para poder fazer a barba; e, obtida a permissão, cortou ele próprio a garganta.

3. 1. E oferecido ao povo este justo prazer, o César não guardou ele próprio na memória nenhuma inimizade pessoal absolutamente contra ninguém. Mas, para agradar a muitos, não se esquivou, a princípio, a ser apelidado de Nero nos teatros[3]; e quando foram

[2] Cidade situada na Via Ápia, junto à costa, famosa pelas suas águas termais (*Aquae Sinuessanae*), a que se atribuíam propriedades curativas.

[3] Otão fora um antigo amigo de Nero. Segundo Suetónio, Otão, para se insinuar junto de Nero, finge-se apaixonado

levantadas em público algumas estátuas de Nero ele não o impediu. 2. Afirma Clúvio Rufo que eram despachados para a Ibéria certos salvo-condutos[4], com os quais se fazia seguir os correios, que tinham o nome de Nero escrito ao lado do de Otão[5]. No entanto, ao perceber que os primeiros e os mais ilustres cidadãos se mostravam desagradados, pôs fim à prática. 3. Ao mesmo tempo, porém, que o seu poder tomava esta orientação, os pretorianos[6] tornavam-se eles próprios um embaraço, ao exortá-lo a desconfiar de pessoas eminentes, a reforçar a guarda contra elas e a enfraquecê-las, quer eles tivessem realmente receio, dada a simpatia que por ele sentiam, quer usassem tal pretexto para causar agitação e guerra. 4. Quando ele próprio enviou Crispino a Óstia, para trazer a décima

---

por uma liberta, velha e decrépita, mas influente na corte. Consegue facilmente o primeiro lugar entre os amigos de Nero, pela cumplicidade e licenciosidade (*Otho* 2.2), como vimos atrás. Cf. Díon Cássio, 64.8.3. Suetónio acrescenta mesmo que Otão se tornara cúmplice dos planos de Nero (*Otho* 3.1) no que respeita à morte de Agripina, convocando-os aos dois para um banquete no dia do famoso matricídio, facto que seria impossível, uma vez que Otão fora enviado para a Lusitânia em 58, e Agripina foi morta em 59. A intimidade entre os dois estende-se ao romanesco trio amoroso que envolvia Popeia Sabina, referido na *Vida* anterior (Plutarco, *Gal.* 19.3-8; Tácito, *Ann.* 13.45-46, e *Hist.* 1.13.3; Suetónio, *Otho* 3.1-2; Díon Cássio, 61.11.2). Vide Introdução.

[4] *Diplomata*. Cf. *Galba* 8.5.

[5] Suetónio (*Otho* 7.1) acrescenta que recolocou nos cargos os *procuratores* e libertos de Nero e estabeleceu um crédito para o acabamento da *Domus Aurea*.

[6] Aqui designados por *misthophoroi* 'soldados pagos', 'mercenários'. Vide Introdução.

sétima coorte[7], estava este a preparar o equipamento, ainda de noite, e colocava as armas nas carroças, quando os mais insolentes desataram a gritar em conjunto que Crispino vinha com propósitos nada salutares, mas que o senado estava a tratar de fazer um golpe de estado e que as armas estavam a ser transportadas contra César, não por César. 5. Tal argumento atraiu e assanhou muitos: uns tomaram de assalto as carroças, outros mataram dois centuriões que resistiram e o próprio Crispino; e, depois que se equiparam e incitaram uns aos outros a ir prestar auxílio a César, trataram de marchar para Roma. 6. Em seguida, quando souberam que oitenta senadores jantavam em casa dele, dirigiram-se para o palácio a dizer que esta era a ocasião exacta para aniquilar de uma só vez os inimigos de César. 7. A cidade, na eminência de ser saqueada entrou em grande confusão; no palácio, gerou-se uma correria; e Otão foi tomado de uma terrível perplexidade, pois, embora temesse pelos homens, ele próprio lhes causava terror; e via-os a olhar em suspenso para ele, mudos e aterrorizados, tendo alguns deles vindo acompanhados das esposas para o jantar. 9. Ao mesmo tempo que enviava os prefeitos, para irem falar aos soldados e tratarem de os acalmar, fez os convidados saírem por outra porta. 10. Mal tinham acabado de escapar, quando os soldados forçaram a entrada na sala de jantar e perguntaram o que tinha acontecido aos inimigos de César[8]. 11. Nessa altura, Otão, de pé sobre

[7] Vário Crispino era um dos tribunos militares dos pretorianos. Tratar-se-ia dos preparativos para a guerra que se avizinhava contra Vitélio.

[8] Cf. Tácito, *Hist.*1.80-85; Suetónio, *Otho* 8.2.

o leito, falando-lhes longo tempo e suplicando-lhes, mesmo sem poupar as lágrimas, só a custo os conseguiu mandar embora. 12. No dia seguinte, depois de os presentear a todos com mil duzentas e cinquenta dracmas por cabeça[9], dirigiu-se para o campo e elogiou a assembleia dos soldados, pelo afecto e devoção para com ele demonstrados. Mas, afirmando que alguns poucos tinham andado a intrigar com intenções pouco rectas, ao atacarem a sua própria moderação e a tranquilidade dos outros, pedia que o acompanhassem na indignação e no castigo dos culpados. 13. Uma vez que todos aplaudiram e se apressaram a agir, prendeu apenas dois, cujo castigo ninguém iria lamentar, e foi-se embora.

4. 1. Se os que o estimavam e nele tinham confiança, estavam admirados com a presente transformação, já outros achavam as medidas necessárias para aquele momento, em que ele procurava popularidade por causa da guerra. 2. É que já fora anunciado de fonte segura que Vitélio tinha assumido a dignidade e o poder de imperador. E chegavam continuamente estafetas a relatar sempre que alguém se lhe tinha juntado, 4. enquanto outros vinham revelar que os exércitos da Panónia, da Dalmácia e da Mésia, juntamente com os respectivos comandantes, apoiavam Otão. 3. E depressa chegaram cartas amigáveis da parte de Muciano e de Vespasiano, que comandavam forças consideráveis, um na Síria, outro na Judeia. 4. Animado por tais novas,

[9] Equivalente aos cinco mil sestércios referidos por Tácito, *Hist.* 1.82.3.

Otão escreveu a Vitélio a propor um acordo conciliador, pelo que ele próprio lhe daria muitas riquezas e uma cidade, na qual Vitélio vivesse uma vida de ócio com total comodidade e prazer[10]. Respondeu-lhe este com ironia, de forma suave, a princípio. 5. Mas a partir daqui, ambos incitados, escreviam para lançar um ao outro diversos insultos e ultrajes, que não eram mentiras, mas uma forma tonta e ridícula de atirar à cara de cada um as vergonhas que diziam respeito a ambos. 6. É que no que toca a prodigalidades, a efeminação, a inexperiência da guerra e à quantidade de dívidas da anterior situação de carência era difícil dizer a qual dos dois cabia a menor parte.

7. Falava-se também de numerosos sinais ominosos e de aparições, na sua maior parte rumores anónimos e incertos. 8. Mas, no Capitólio, todos viram uma Vitória, colocada sobre um carro, deixar cair as rédeas das mãos, como se ela não fosse capaz de as segurar; e a estátua de Gaio César, na ilha do meio do rio, sem que houvesse um tremor de terra nem vento, virou-se do Ocidente para o Oriente[11] – 9. facto, ao que dizem, ocorrido nos dias em que os que partidários de Vespasiano tratavam já abertamente de tomar o poder. 10. E a Catástrofe do Tibre foi considerada por muitos um mau sinal. Era, de facto, a altura em que os rios mais enchem, mas nunca tinha subido assim tanto antes, nem tinha causado tais

[10] Suetónio (*Otho* 8.2) refere inclusive a oferta de Otão a Vitélio de uma aliança através de um casamento com a filha do rival.

[11] Embora a designação de Gaio César se aplique frequentemente a Calígula, a comparação com as outras fontes (Tácito, *Hist.* 1.86.1, e Suetónio, *Ves.* 5.7) mostra que se trata de Júlio César.

perdas e tal devastação: pois, transbordando do leito, inundou grande porção da cidade, sobretudo no local em que se trata da venda do trigo, de modo que uma terrível carência se manteve por muitos dias[12].

5. 1. E quando chegaram as notícias de que já tomavam conta dos Alpes Cecina e Valente, generais de Vitélio, em Roma, Dolabela, varão de nobre família, gerou nos soldados a suspeita de que estaria a congeminar uma revolução. Otão, quer o temesse a ele , quer a outro, tratou de o enviar para a cidade de Aquino, ao mesmo tempo que o encorajava[13]. 2. Ao escolher os acompanhantes entre os que estavam investidos de autoridade, apontou entre estes Lúcio, o irmão de Vitélio, sem nada acrescentar ou retirar às honras que ele já detinha. 3. Tratou com o máximo desvelo a mãe e a esposa de Vitélio, de forma a que elas nada tivessem a temer por si próprias. 4. Quanto à guarda da cidade, recolocou no posto Flávio Sabino, irmão de Vespasiano, quer estivesse a prestar homenagem a Nero (pois deste recebera Sabino o cargo, que Galba lhe retirou), quer tratasse antes de mostrar boa vontade e confiança para com Vespasiano, ao aumentar o poder de Sabino[14]. 5.

[12] Tácito (*Hist.* 1.86) e Suetónio (*Otho*, 8.3) referem também outros prodígios. A cheia é referida pelos três autores. Suetónio, para quem «a expedição começou de modo diligente e até demasiado apressado, e mesmo sem nenhuma preocupação religiosa», centra-se mais nas interdições de carácter religioso.

[13] Sobre Dolabela vide *Gal.* 23.2. Assim Otão o salvava e agradava ao mesmo tempo aos pretorianos; e afastava da Urbe uma personagem cujo prestígio podia tornar-se tentador. Cf. Tácito, *Hist.* 1.88.1.

[14] Flávio Sabino terá um papel importante nas lutas urbanas

Ele próprio ficou para trás então em Brixelo[15], cidade de Itália, junto ao Pó[16], e enviou à frente, ao comando das suas forças, Mário Celso[17] e Suetónio Paulino, bem como Galo e Espurina[18], reputados varões, mas incapazes de fazer uso dos planos delineados previamente por eles próprios, por causa da indisciplina e insolência dos soldados. 6. É que estes não aceitavam estes obedecer a outros, uma vez que era por eles que o imperador detinha o poder.

7. A verdade é que também entre os inimigos o ambiente não era absolutamente salutar, nem estava sob o controlo dos comandantes, mas grassava o capricho e a arrogância, também pela mesma razão. 8. Mas esses contavam com a experiência do combate, e como estavam afeitos às canseiras, não fugiam à luta; ao passo que os de Otão, amolecidos pelo ócio e por uma vida sem guerra, tinham passado a maior parte do tempo nos teatros, quer em festivais, quer em representações cénicas, e queriam encobrir [a moleza][19] sob a capa da insolência e fanfarronice, desdenhando cumprir o serviço, como se lhe fossem superiores em categoria, e não por serem incapazes de o suportar. 9. E ao tentar obrigá-los, Espurina correu sério risco, pois pouco faltou para o matarem. E não lhe pouparam nenhum

quando, em Dezembro de 69, Vespasiano trata de tomar o poder. Acabará por morrer barricado no Capitólio.

15 A moderna Brescello, a leste de Cremona.

16 Plutarco refere o Eridano, rio mitológico depois identificado com Pó, entre outros.

17 Sobre Mário Celso, vide atrás *Gal*., 25.9 e 27.11-12, e *Oth*. 1.1-2.

18 Sobre estes, vide Tácito, *Hist.* 2.39.1 e 2.23.1.

19 Aceita-se a proposta de Ziegler para suprir a lacuna: *ten malakian*.

ultraje nem insulto, dizendo que ele traía e boicotava a oportunidade e as acções de César. 10. E alguns até foram de noite, já bêbedos, à tenda dele, a pedir provisões para a viagem, pois tinham de ir ter com César, para o denunciarem.

6. 1. O que favoreceu as acções e Espurina foram os insultos que os soldados receberam junto de Placência. 2. É que os soldados de Vitélio, ao atacarem as muralhas, faziam troça dos de Otão, que estavam nas ameias, chamando-lhes histriões e bailarinos de danças pírricas e espectadores de Jogos Píticos e Olímpicos[20], sem experiência de guerra ou de campanhas militares, que se tinham em alta conta por terem cortado a cabeça a um velho desarmado – era a Galba que se referiam – , mas que não desciam para uma justa e um combate de homens a descoberto. 3. Eles ficaram a tal ponto perturbados e a ferver com estas acusações, que se vieram lançar aos pés de Espurina, a pedir para se servir deles e os comandar, não recusando nenhum perigo ou sacrifício. 4. E, quando se travou um duro combate junto aos muros e foram trazidas diversas máquinas de assalto, os soldados de Espurina levaram vantagem, e, tendo rechaçado os atacantes com muitas mortes, mantiveram uma cidade ilustre e nada inferior em brilho a qualquer outra de Itália. 5. Além do mais, em comparação com os generais de Vitélio, os de Otão eram mais brandos no tratamento para com as cidades e os particulares. 6. E entre aqueles, Cecina, quer pela voz quer pelo aspecto,

[20] Plutarco transpõe para a realidade grega.

não era nada popular, mas tornava-se ofensivo e estranho: tinha um corpo desmesurado, usava à moda gaulesa calças e longas mangas e falava por sinais aos magistrados romanos. Fazia-se também acompanhar da mulher, que viajava a cavalo, com um escol de cavaleiros, toda bem arranjada[21]. 7. Já quanto a Fábio Valente, o outro general, nem os despojos dos inimigos, nem o que roubava ou recebia como presentes corruptos dos aliados lhe saciavam o desejo de lucro, mas constava até que foi por essa razão que ele, com a lentidão com que avançava, chegou depois da primeira batalha. 8 Por seu turno, há quem acuse Cecina de se apressar a arrebatar para si a vitória, antes que aquele chegasse[22], e de, não só ter caído em outros erros, de menor importância, mas também de ter travado batalha na altura errada e sem genica, pouco faltando para deitar a perder toda a empresa.

7. 1. Quando, pois, Cecina foi rechaçado de Placência, lançou-se sobre Cremona, outra cidade próspera e grandiosa. Primeiro, Ânio Galo, que ia em socorro de Placência, como ouviu dizer no caminho que os Placentinos tinham resistido, e que em perigo estavam agora os de Cremona, dirigiu para aí o exército e acampou perto dos inimigos. E de seguida os outros vieram, um por um[23], em auxílio do general. 2. Ora Cecina colocou de emboscada numerosos soldados

[21] Uma retrato semelhante de Cecina e da esposa, e do efeito que provocavam, se pode ler em Tácito, *Hist*. 2.20.1.

[22] Cf. Tácito, *Hist*. 2.30.

[23] Celso, Paulino e Espurina.

de infantaria, num terreno de matagal e arvoredo, e mandou avançar os cavaleiros, para que, se os inimigos dessem combate, recuassem pouco a pouco e retirassem, até os levar a cair na emboscada. Mas uns desertores vieram dar a notícia a Celso. 3. E este lançou um contra-ataque com cavaleiros dos melhores, usando de prudência na perseguição, e depois de envolver e confundir os que estavam emboscados, chamou a infantaria do acampamento. 4. E, segundo parece, se ela tivesse chegado a tempo, para apoiar a cavalaria, não teria deixado de pé nenhum inimigo, mas teria esmagado e aniquilado todo o exército de Cecina. Só que, nessa altura, Paulino, tendo avançado tarde e de forma lenta, ficou com a culpa de, por causa da precaução, exercer o comando de uma forma inferior à sua fama. 5. E muitos dos soldados até o acusavam de traição e incitavam Otão contra ele, gabando-se de terem sido eles próprios os vencedores, e de que a vitória não tinha sido completa pela incompetência dos generais. 6. Mas Otão não acreditou neles, embora não quisesse parecer que não acreditava. Enviou então às legiões o seu irmão Ticiano e o prefeito do pretório Próculo – este tinha, de facto, todo o poder, enquanto Ticiano era um ornamento. 7. Quanto a Celso e Paulino, embora carregassem o título de conselheiros e amigos, não possuíam autoridade nem poder efectivo nos assuntos de estado[24]. 8. Também entre os inimigos havia confusão, sobretudo entre os que estavam sob o comando de Valente, que, ao saberem da luta à volta da emboscada, estavam irritados por não

[24] A mesma constatação se encontra em Tácito, *Hist.* 2.39.1.

terem estado presentes nem prestado auxílio a tantos homens que morreram. 9. Depois de a custo os demover com preces, quando já começavam a alvejá-lo, levantou o acampamento e foi juntá-los com os de Cecina.

8. 1. Otão, tendo chegado ao acampamento em Betríaco (Betríaco é uma pequena cidade perto de Cremona), tratava de deliberar sobre a batalha. 2. Parecia a Próculo, bem como a Ticiano, que, perante o entusiasmo dos soldados com a recente vitória, se devia combater, e não ficar parado, enquanto esmorecia a plenitude da força, ou à espera que o próprio Vitélio regressasse da Gália. 3. Mas Paulino argumentou que os inimigos tinham presentes todos os efectivos com que contavam no combate e nada lhes faltava, ao passo que Otão poderia contar com a presença de uma força, em nada inferior à já presente, da Mésia e da Panónia, se ele esperasse a ocasião oportuna para ele, em vez de conduzir a campanha no momento favorável para os inimigos. 4. Pois, nessa altura, quando recebessem mais combatentes, não iria dispor de soldados mais fracos do que aqueles que, sendo menos, estavam de momento cheios de ânimo: mas, então, iria combater em vantagem. 5. Além do mais, a demora favorecia-os, já que tinham tudo em abundância, ao passo que, para os inimigos, que ocupavam território hostil, a delonga acarretava a carência do necessário[25]. Tendo Paulino proferido estas palavras, Mário Celso votou a favor do seu

[25] Vide discurso de Suetónio Paulino, com estes e outros argumentos, em Tácito, *Hist.* 2.32.

parecer. 6. Ânio Galo não estava presente, pois andava em tratamento por ter dado uma queda do cavalo. No entanto, em resposta a uma carta que Otão lhe escreveu, recomendou que não tivesse pressa, mas que esperasse as forças da Mésia, que já estavam a caminho. Ora ele não deu ouvidos estes, mas saíram vitoriosos os que o apressavam a dar batalha.

9. 1. Várias razões são apontadas, diversas segundo os diversos autores. Era claro que os chamados pretorianos, que compunham o corpo da guarda, experimentavam então ao máximo uma verdadeira campanha militar e sentiam saudades dos divertimentos, do modo de vida pacífico e das festividades que tinham em Roma, pelo que estavam incontroláveis na sua ânsia de dar combate, convictos de que iriam destroçar os inimigos mal se lançassem sobre eles. 2. Parecia que também o próprio Otão não se conseguia controlar mais tempo face à incerteza, nem aguentar, por falta de hábito e por moleza, os cálculos dos perigos, mas, exausto pela ansiedade, apressava os assuntos para um desfecho à sorte, de olhos fechados, como um salto de escarpa[26]. 3. E tal é, pois, o que diz Secundo, o retor, secretário de Otão[27]. 4. Mas podia ouvir-se de outras fontes que existia em ambos os exércitos uma forte motivação para se unirem, e, sobretudo, para se porem de acordo na eleição do melhor dos generais presentes; senão mesmo para convocarem o senado e deixar-lhes a

[26] A mesma resolução apressada é descrita por Suetónio, *Oth*. 9.1.
[27] Era o *ab epistulis*, responsável pela correspondência.

escolha do imperador. 5. E, visto que nem um nem outro dos proclamados imperadores tinha boa reputação, não era nada improvável que tais considerações assaltassem soldados verdadeiros, experimentados e sensatos – de como seria odioso e terrível que os males que, outrora por causa de Sula e de Mário, e depois por causa de César e de Pompeio[28], os cidadãos lamentaram ter infligido uns aos outros e ter sofrido, os suportassem agora, proporcionando, com o poder imperial, os meios para Vitélio praticar a gula e ebriedade, ou para Otão praticar a moleza e licenciosidade. 6. Suspeita-se, pois, de que foi por perceberem tais intenções, que os que secundavam Celso propuseram um adiamento, na esperança de resolver a questão sem luta nem sofrimentos, e os que rodeavam Otão, receosos, trataram de apressar a batalha.

10. 1. Ele próprio regressou a Brixelo, o que foi mais um erro, porque não só retirava aos combatentes a veneração e a honra de se sentirem sob o olhar dele, se estivesse presente, como ainda, ao levar embora consigo um corpo da guarda dos mais poderosos e mais devotos dos cavaleiros e peões, como que amputou o gume das forças[29].

2. Aconteceu naqueles dias travar-se combate junto do Pó: enquanto Cecina unia as margens com uma

[28] Plutarco refere-se aos períodos de guerra civil que, no século I a.C. culminaram, respectivamente, na ditadura de Sula e na de César.

[29] Suetónio (*Otho* 9.1), mais favorável a Otão que Plutarco e Tácito (*Hist.* 2.33.3), refere a ausência de Otão sem explorar o efeito negativo sobre os soldados.

ponte, os de Otão repeliram-nos e opuseram-se-lhes. 3. Como não conseguiam nenhum resultado, colocaram nos navios tochas cheias de enxofre e piche. Durante a travessia, um vento súbito inflamou a madeira que tinham preparado contra os inimigos. 4. Primeiro saiu fumo, depois chamas brilhantes, e eles, em desordem, viravam os barcos, saltando borda fora, e ofereciam os corpos a um inimigo às gargalhadas. 5. E os Germanos, tendo atacado os gladiadores de Otão numa ilha do rio, bateram-nos e mataram um não pequeno número deles.

11. 1. Com estes acontecimentos e com os soldados de Otão, em Betríaco, a ferver de raiva por se lançarem na batalha, Próculo fê-los marchar daquela cidade e foi estabelecer o acampamento a uma distância de cinquenta estádios[30], mas de um modo tão incompetente e ridículo, que, apesar de se estar na estação primaveril e a planície ao redor apresentar diversos mananciais e ribeiras a correr, se viram apertados pela falta de água. 2. No dia seguinte, querendo ele prosseguir o caminho contra os inimigos, nada menos de cem estádios[31], Paulino e os seus opunham-se, convictos de que era preciso esperar, em vez de os cansar, ou dar batalha depois da marcha, contra homens que tinham tido vagar para se equiparem e alinharem para a batalha, enquanto que, entrementes, eles próprios estariam a avançar por tão longo caminho, à mistura com animais de tiro e com os seguidores dos

[30] Cerca de 9 km.
[31] Cerca de 18 Km.

acampamentos. 3. Decorria a disputa entre os generais sobre tal assunto, quando chegou da parte de Otão um cavaleiro, dos chamados Númidas, portador de uma carta com ordens para não demorar nem adiar, mas para avançar imediatamente sobre os inimigos. 4. Logo eles levantaram o acampamento e se puseram em marcha. Mas Cecina, ao saber que eles se aproximavam, ficou perturbado e, depois de abandonar à pressa as obras e o rio, foi para o acampamento. 5. Já muitos soldados estavam equipados e tinham recebido as palavras de ordem de Valente. Enquanto se colocavam as legiões em posição, enviava-se à frente a elite da cavalaria.

12. 1. Assaltou, por algum motivo, a vanguarda dos soldados de Otão a expectativa e o rumor de que os generais de Vitélio se iriam passar para o lado deles; de modo que, quando já estavam próximos, saudaram amigavelmente os outros, chamando-lhes camaradas. 2. Mas, como aqueles, em vez de saudação cortês, responderam de má mente e com palavras hostis, aos que saudaram sobreveio o desânimo; e aos restantes a suspeita de que os que saudaram os abandonavam. E, logo para começar, este incidente baralhou-os, já os inimigos estavam ao alcance da mão. 3. Depois, quanto ao resto, nada decorreu na devida ordem, mas os meios de transporte das bagagens, extraviados entre os combatentes, geravam grande confusão; e a natureza do terreno causava muitas divisões, por estar cheio de valas e de poços, de modo que, para evitarem e contornarem tais obstáculos, os homens se viam obrigados a enfrentar

os adversários por grupos separados. 4 Só duas *legiones* (pois assim os romanos designam os corpos militares), a "Rapace" de Vitélio e a "Auxiliar" de Otão[32], é que se estenderam para uma campina desimpedida e ampla e, defrontando-se em formação[33], travaram um combate regular por longo tempo. 5. Os homens de Otão eram fortes e valentes, mas faziam então pela primeira vez a experiência da guerra e do combate; os de Vitélio, habituados embora a numerosos conflitos, eram já veteranos e para além da idade. 6. Lançando-se então sobre eles, os de Otão empurraram-nos e arrebataram-lhes a águia, depois de matarem quase todos os que lutavam na frente. Mas os outros, com a vergonha e a raiva, caíram sobre eles, mataram o comandante da legião, Orfídio, e tomaram numerosas insígnias. 7. Contra os gladiadores de Otão, que pareciam ter experiência e bravura no corpo-a-corpo, Alfeno Varo enviou os chamados Batavos – eram o melhor da cavalaria Germana estes habitantes de uma ilha no meio do Reno. 8. Alguns dos gladiadores resistiram-lhes, mas, na sua maior parte, puseram-se em fuga para o rio e foram de encontro a uns manípulos do inimigo aí formados, pelos quais, apesar de resistirem, foram à mesma destroçados um a um. 9. Entre todos, os que combateram de forma mais desonrosa foram os pretorianos, que não só não foram capazes de se chegar ao alcance da mão dos inimigos, mas ainda infundiram medo e confusão nos que se mantinham no lugar, ao fugirem pelo meio deles. 10. No entanto, muitos dos

[32] Trata-se da legião vinte e uma *Rapax* de Vitélio, e da primeira *Adiutrix* de Otão: cf. Tácito, *Hist.* 2.43.1.

[33] Plutarco, servindo-se da realidade grega, diz "em falanges".

de Otão, que venceram os seus oponentes directos, forçaram a passagem e lançaram-se, através dos inimigos vencedores, em direcção ao acampamento.

13. 1. Entre os generais, nem Próculo nem Paulino se atreveram a lá entrar com eles, mas desviaram-se com receio dos soldados que já direccionavam as culpas para os generais. 2. Ânio Galo acolhia na cidade e consolava os que se tinham reagrupado depois da batalha, dizendo-lhes que ela tivera um resultado duvidoso e que, em diversas partes, tinham levado a melhor sobre os inimigos. 3. Quanto a Mário Celso, depois de reunir os que detinham cargos, exortou-os a ter em vista o interesse comum, dizendo-lhes que, com tamanho desastre e tal mortandade de cidadãos, nem Otão, se era um homem honrado, quereria ainda tentar a sorte: 4. do mesmo modo, quer Catão quer Cipião, não querendo, depois de Farsalo, ceder a César vencedor, carregam a culpa do sacrifício desnecessário de tantos homens honrados na Líbia, apesar de lutarem pela liberdade dos Romanos[34]. 5. De resto, a sorte oferece-se em comum a todos, mas de uma coisa ela não priva os honestos, de, mesmo quando sofrem desaires, agirem racionalmente de acordo com as circunstâncias. Com estas palavras convenceu os oficiais. 6. Quando, ao sondar os soldados, os encontraram desejosos de paz, e Ticiano sugeriu que se enviassem emissários para tratar de um acordo, decidiu-se

[34] Depois da batalha de Farsalo, M. Pórcio Catão e Q. Metelo Cipião fugiram para África, para continuarem a resistência contra César, lutando pelos valores da República.

que iriam Celso e Galo conferenciar com o pessoal de Cecina e Valente. 7. Quando eles já iam a caminho, encontraram-se com uns centuriões, que disseram que as suas forças já tinham iniciado a marcha em direcção a Betríaco e que eles próprios tinham sido enviados pelos generais, para tratar do acordo. 8. Depois de os elogiarem, Celso, juntamente com os acompanhantes, propôs que dessem meia volta e fossem juntamente com eles até aos de Cecina. 9. Mas quando já estavam perto, Celso correu perigo. Deu-se, pois, o caso de avançarem na vanguarda os cavaleiros que tinham sido anteriormente vencidos na emboscada[35]. Ao perceberem então que era Celso que chegava, arremeteram aos gritos contra ele. 10. Mas os centuriões colocaram-se à frente e sustiveram-nos; e os outros comandantes gritaram aos cavaleiros para se conterem. Cecina e os seus, ao saberem o que se passava, cavalgaram para ali e acabaram com a indisciplina dos cavaleiros e, depois de cumprimentarem Celso de boa mente, encaminharam-se juntamente com eles para Betríaco. 11. Só que, entretanto, Ticiano arrependeu -se de ter enviado a embaixada e fez subir de novo para a muralha os mais fortes dos soldados e exortou os outros a prestarem apoio. 12. Porém, quando Cecina se aproximou a cavalo e estendeu a mão direita, ninguém resistiu; antes, uns saudando os soldados do alto dos muros, outros abrindo as portas, saíam e se misturavam com os recém-chegados. 13. E ninguém ofendeu ninguém, mas eram só manifestações de

[35] Vide atrás 7.2 ss.

amizade e apertos de mão, e todos prestaram juramento e se passaram para a causa de Vitélio.

14. 1. Deste modo relatam os acontecimentos da batalha a maior parte dos que estavam presentes, admitindo embora eles próprios que não perceberam todos os detalhes por causa da confusão e irregularidade. 2. Quando eu próprio viajei mais tarde por aqueles campos, Méstrio Floro, varão consular[36], um dos que, na altura, estavam com Otão – não por opção, mas por força das circunstâncias – indicando-me um antigo templo, contou que, ao chegar ali, depois da batalha, vira um tamanho amontoado de cadáveres, de tal modo que o seu cume chegava ao frontão. 3. E a razão de tal acontecimento – dizia ele – não a descobriu por ele próprio, embora a buscasse, nem a soube por outro. Certo é que, nas guerras civis, quando acontece uma derrota, é oportuno que haja mais mortos, sendo que ninguém toma prisioneiros, pois de nada servem para quem os captura: mas para tremendo monte e colecção não há uma explicação fácil.

15. 1. A Otão chegou, como é costume em acontecimentos de tal magnitude, primeiro um rumor impreciso. Mas, depois que chegaram do campo de batalha alguns feridos que lhe fizeram o relato completo, se causa pouca admiração o facto de amigos, em vez de o deixarem desistir, o encorajarem a ter confiança, o afecto

[36] Méstrio Floro o amigo de Plutarco que lhe garantiu a atribuição da cidadania romana.

dos soldados, esse ultrapassou toda a crença: 2. é que nenhum se foi embora ou se passou para os vencedores, nem se viu nenhum procurar os seus interesses quando o imperador estava desesperado, mas vieram todos uniformemente à porta dele: chamavam-lhe imperador, e, quando ele apareceu, voltavam-se para ele e desfaziam-se em súplicas, apertavam-lhe as mãos, prostravam-se diante dele, derramavam lágrimas, imploravam que não os abandonasse, que não os deixasse nas mãos dos inimigos, que os usasse de corpo e alma ao seu serviço, enquanto tivessem um sopro de vida – eram estas as súplicas que todos, a uma só voz, lhe dirigiam. 3. E um dos mais humildes desembainhou a espada e, enquanto dizia «Olha, César, todos estão preparados para proceder assim por ti!», degolou-se[37]. 4. Mas nenhum destes actos demoveu Otão, e, de rosto sorridente e calmo, olhando à sua volta, disse: «Este dia, camaradas de armas, tenho-o como mais bem-aventurado do que aquele em que, pela primeira vez, vocês me fizeram imperador, por ver os vossos sentimentos e perceber a grandeza de alma. 5. Mas não me privem de uma maior bem-aventurança – a de morrer dignamente por tantos e tão nobres cidadãos[38]. Se fui digno do Império Romano, é preciso que não poupe a alma pela pátria. 6. Eu sei que, para os nossos adversários, a vitória não está garantida nem

[37] Segundo Suetónio (*Otho* 10.1), o soldado, ao trazer a notícia da derrota de Betríaco, mata-se à sua frente para provar que falava verdade; e do exemplo de um simples soldado raso (*manipularis*) retira Otão inspiração para o próprio suicídio, afirmando que «não mais exporia ao perigo homens daquela envergadura e que tão bem o serviram». Díon Cássio, 64.11, diz que se trata de um cavaleiro.

[38] Vide também o discurso de Otão em Tácito, *Hist.* 2.47.

consolidada. Chegam notícias de que as forças da Mésia não estão a muitos dias de caminho, pois já descem para o Adriático. Os exércitos da Ásia, da Síria, o Egipto e os que lutam contra os Judeus[39] estão connosco. Temos connosco o senado e os filhos e as mulheres dos nossos adversários. 7. Contudo, esta guerra pela Itália não se faz contra Aníbal, contra Pirro ou contra os Cimbros[40], mas ambos os lados lutam contra Romanos: vencedores ou vencidos, lesamos a pátria. É que até o bem do vencedor é um mal para aquela[41]. 8. Acreditem…amiúde[42], que a minha morte é melhor que o meu governo. Pois

[39] Vespasiano foi enviado por Nero para controlar a revolta judaica, em 66, operação militar que determinaria a destruição do templo de Jerusalém, em 70, quando Vespasiano já era imperador. O Exército da Síria era comandado por Muciano, depois aliado de Vespasiano.

[40] Refere momentos de grave perigo para Itália, em que os Romanos recuperaram de pesadas derrotas infligidas por inimigos externos: Pirro, como aliado de Tarento, invadiu a Itália, de 280 a 275 a.C., com um exército grego profissional, que punha o exército romano a enfrentar elefantes pela primeira vez; Aníbal, no decorrer da 2ª guerra Púnica, invadiu Itália, de 218 a 203 a.C., e infligiu pesadas derrotas aos romanos, a maior das quais foi Canas (116), até ser derrotado por Cipião africano em 202, em Zama; os Cimbros, tribo Germânica, durante um processo de migração, que os levou até à Hispânia, venceram exércitos romanos – a derrota de Roma em Aráusio (Orange) era comparável à de Canas pela perda de vidas –, até que, no regresso, quando entravam em Itália, foram derrotados (em 101 a.C.) por Mário (e Sula), que, no ano anterior, tinha aniquilado os aliados deles, os Teutões.

[41] Cf. Tácito, *Hist.* 2.47.2; Díon Cássio 64.13.2. Só Suetónio (*Otho* 10.1) fala do ódio de Otão às guerras civis antes da ascensão ao império. O pai de Suetónio foi tribuno angusticlavo no exército deste imperador, como ele próprio afirma no passo aqui citado, para atestar a veracidade das suas palavras. Vide Introdução.

[42] Texto lacunar.

não estou a ver como o meu governo possa ser uma vantagem, tão grande para os Romanos como a minha entrega pela paz e pela concórdia, para que Itália não veja mais um dia assim».

16. 1. Tendo ele falado deste modo, e opondo-se firmemente aos que tentavam que ele se aguentasse e desistisse da sua decisão, ordenou aos amigos e aos senadores presentes que se fossem embora, e mandou as mesmas instruções aos ausentes[43]. E enviou cartas às cidades, para lhes prestarem uma escolta honrosa e em segurança[44]. 2. Chamando para junto de si o seu sobrinho Coceiano, que era ainda um jovem, exortava-o a ter coragem e a não ter receio de Vitélio, cuja mãe, filhos e esposa ele próprio tinha protegido com igual desvelo ao que dispensaria aos seus familiares[45]. 3. E foi, pois, por isso que não o reconheceu como filho, embora o desejasse, e diferiu [...] a adopção, para se tornarem colegas no poder, se ele vencesse, e para não acarretar a sua perdição, se ele falhasse. 4. «Esta, meu rapaz – disse ele – é a minha última recomendação para ti: nem te esqueças por completo de que tiveste um tio César, nem o recordes em demasia»[46]. 5. Pouco depois de terminar,

---

[43] Texto lacunar na edição de Ziegler.

[44] Suetónio (*Otho* 10.1) diz que Otão envia cartas à irmã, para a consolar, e à viúva de Nero, Estatília Messalina, com quem projectara casar-se - intenção que só figura no biógrafo latino. Plutarco (*Gal.* 21.1) e Tácito (*Hist.* 1.13.2) falam de um plano anterior de casamento com a filha de Vínio. Vide Introdução.

[45] Como vimos atrás, 5.2-3.

[46] Recomendação semelhante se encontra em Tácito, *Hist.* 2.48.2. A pertença à família de um imperador podia tornar-se

ouviu um tumulto e gritaria à porta. É que os soldados, quando os senadores se dispunham a partir, ameaçavam degolá-los, se, em vez de ficarem, eles se fossem embora, abandonando o imperador. 6. Saiu então de novo, temendo pela vida daqueles homens; fitou os soldados com um olhar que não era nada suplicante nem meigo, mas severo, e, fixando o olhar principalmente sobre os agitadores, fez com que se fossem embora, abatidos e temerosos.

17. 1. Já à noitinha, sentiu sede e bebeu um pouco de água. Como tinha dois punhais, examinou o gume de cada um durante muito tempo e acabou por entregar um deles, e, guardando o outro debaixo do braço, chamou os criados. 2. Depois tratou-os com bondade, distribuindo-lhes dinheiro – mais a uns, menos a outros, não a esbanjar, como se se tratasse de bens alheios, mas segundo o mérito e uma rigorosa salvaguarda da justa medida. 3. Assim que os mandou sair, descansou pelo resto da noite, ao ponto de os criados sentirem que ele dormia profundamente. 4. Pela manhã, mandou chamar um liberto, com o qual tinha tratado a situação dos senadores, e mandou-o informar-se sobre o assunto. E, ao ficar a saber que eles tinham partido, cada um com aquilo de que precisava, disse: «Vai agora e trata de te mostrar aos soldados, se não queres ser morto de forma horrenda às mãos deles, como se me tivesses ajudado a morrer». 5. Quando o homem saiu, ele segurou com as

perigosa. De facto, segundo Suetónio (*Dom.* 10.3), Domiciano condenou Coceiano à morte por este ter celebrado o aniversário do tio.

duas mãos por baixo de si o punhal direito e tombou sobre ele, emitindo um único gemido ao sentir a dor, pelo que deu a perceber aos que estavam lá fora[47]. 6. Desataram os escravos em lamentos e logo a choradeira tomava conta de todo o campo e da cidade. 7. Os soldados, aos gritos, lançavam-se para a porta a chorar, indignados, e acusavam-se a eles próprios, por não terem guardado o imperador nem o terem impedido de morrer por eles. 8. E nenhum se foi embora, procurando cada qual a sua salvação, apesar de os inimigos estarem próximos, mas, depois de prepararem o corpo e levantarem uma pira[48], acompanhavam o cortejo em armas os que se haviam antecipado para terem a honra de se posicionarem debaixo do leito fúnebre e de o transportarem. 9. Quanto aos outros, uns lançavam-se para beijar a ferida do morto; outros agarravam-lhe as mãos; outros prostravam-se em adoração à distância. 10. E alguns, depois de colocarem tochas por baixo da pira, degolaram-se a eles próprios[49], claramente sem terem recebido qualquer benefício do falecido, nem temerem sofrer algo de terrível da parte do vencedor. 11. Mas parece que em nenhum tirano ou rei se vira

---

[47] Suetónio (*Otho* 11. 2) precisa que se feriu do lado esquerdo do peito e morreu ora ocultando ora desvelando a ferida aos que acorreram ao seu primeiro gemido.

[48] O funeral foi apressado, como ele tinha recomendado, para que lhe não cortassem a cabeça (Vide Suetónio, *Otho* 11.2 e Tácito, *Hist.* 2.49.3), evitando assim o tratamento aviltante que fora infligido ao cadáver de Galba.

[49] Suetónio refere que *multi* se suicidaram, contra os *quidam* de Tácito, *Hist.* 2.49.4, os *enioi* de Plutarco, *Oth.* 17.10, e os *tines* de Díon Cássio, 64.15.1[2]. Suetónio e Díon (64.15.2[b]) acrescentam que muitos soldados se mataram uns aos outros. Vide Introdução.

nunca um tal amor ou tal paixão de governar, como o desejo ardente que aqueles demonstravam em serem governados e em obedecer a Otão. 12. E o apego não os abandonou nem depois da morte dele, mas permaneceu arreigado, até terminar num ódio mortal a Vitélio.

18. 1. Quanto ao resto, tem o seu relato na ocasião própria: sepultaram na terra os restos mortais de Otão e fizeram um túmulo que não causava inveja nem pela magnitude da construção nem pelo tamanho da inscrição. 2. Quando estive em Brixelo, vi uma tumba modesta com a inscrição, que se pode traduzir deste modo: «Para lembrar Marco Otão». 3. Otão morreu aos trinta e sete anos de idade, depois de governar três meses, deixando atrás de si quem louvasse a sua morte, em categoria e em número nada inferior a quem lhe censurava a vida. Se não viveu de forma mais conveniente do que Nero, morreu de forma mais nobre[50].

4. No que respeita aos soldados, quando Polião, um dos prefeitos do pretório[51], lhes ordenou que prestassem imediatamente juramento a Vitélio, ficaram indignados. 5. E, ao saberem que alguns dos senadores ainda estavam por ali, eles, deixando em paz os outros, foram aborrecer Virgínio Rufo: dirigiram-se à sua casa em armas para o convidarem e lhe ordenarem que

---

[50] Tácito (*Hist.* 2.50.1) fala de uma fama tão boa como má; Díon Cássio (64.15.2) salienta que a morte obscureceu a impiedade e perversidade. Suetónio (*Otho* 12.2) sugere quase unanimidade no póstumo louvor. O espanto que causara o contraste entre a vida e a morte de Otão aparece também espelhado num epigrama de Marcial, 6.32. Vide Introdução.

[51] Tácito (*Hist.* 2.46.2) diz que se chamava Plócio Firmo.

assumisse imediatamente o poder ou que se constituísse como embaixador deles. 6. Mas ele considerava uma loucura receber o império da parte dos vencidos, quando já antes o tinha recusado da parte dos vencedores; e, temendo ir como embaixador junto dos Germanos, que julgavam ter sofrido muita violência sem razão da parte dele[52], furtou-se sorrateiramente por outra porta. 7. Quando tal souberam, os soldados lá consentiram em prestar juramento e juntaram-se aos de Cecina, obtendo o perdão.

[52] Ele fora seu comandante e recusara o cargo de imperador que os soldados lhe ofereciam. Vide *Vida de Galba*, 6.3 e 10.4-7.

Bibliografia

Baldwin, B. 1983, *Suetonius,* Amsterdam, Hakkert.

Bradley, K. R. 1985, "The rediscovery of Suetonius": *CPh* 80 254-265.

Brandão, J.L. 2009, *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas* Vidas *suetonianas*, Coimbra, CECH-*Classica Digitalia*.

De Blois, L., "Soldiers and leaders in Plutarch's *Galba* and *Otho*" : Shellenberg, H. M., Hirschmann, V. E. & Kriechhaus (eds.), *A Roman Miscellany. Essays in honor of Anthony R. Birley on his seventieth birthday*, Gdansk, 2008, 5-13.

Flacelière, R. e Chambry , E. 1979, *Plutarque*, *Vies*, tome XV. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres**.**

Flory, M. B. 1988-1989, "Octavian and the omen of the *gallina alba*" : *CJ* 84 343-356.

Gascou, J. 1984, *Suétone historien*, Paris, de Boccard.

Giua, M. A. 1990, "Aspetti della biografia latina del primo impero": *RSI* 12 535-559.

Godolphin, F. R. B. 1935, "The source of Plutarch's thesis in the Lives of Galba and Otho": *AJPh* 56 324-328.

Harris, B. F. 1962-63, "Tacitus on the death of Otho": *CJ* 58 73-77.

Hershbell, J. P. 1997, “Plutarch’s concept of history: philosophy from examples”: *AnSoc* 28 225-243.

Little, D. e Ehrhardt, Chr. 1994. *Plutarch, Lives of Galha & Otho*. Translation and commentary by, London, Bristol Classical Press.

Martin, R. 1991, *Les douze Césars: du mythe à la réalité,* Paris, Les Belles Lettres.

Murison, Ch. L. 1992, *Suetonius Galba, Otho, Vitellius*. Ed. with intr. and notes, London, Bristol Classical Press.

Perrin, B.. 1926, *Plutarch’s Lives* XI. With English translation. London, Loeb.

Poulle, B. 1997, “Les poignards de l’année 68-69”: *RPh* 71 243-252.

Raoss, M. 1958, “La rivolta di Vindice ed il sucesso di Galba” : *Epigraphica* 20 46-120.

Schettino, M. T. 2005, “I Soggetti politici e i conflitti civili del 68/69 d.C. in Plutarco”: De Blois et alii (ed.), *The statesman in Plutarch’s works. Proceedings of the sixth international conference of the international Plutarch society. Vol. II: The statesman in Plutarch’s Greek and Roman* Lives, *Leiden/Boston,* Brill, 351-361.

Scuderi, R. 1995, “Le *Vite* Plutarchee di Galba e di Otone: teoria e prassi politica nella successione imperiale” : Gallo, I & Scardigli, B. (eds), *Atti*

del V convegno plutarcheo, Napoli, M. D'Auria Editore, 399-413.

Stadter, Ph. A. 2005, "Rivisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*" : Pérez Jiménez, A & Titchener, F. (eds), *Valori letterari delle opere di Plutarco. Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*, Málaga-Logan, 419-435.

Tagliasachi, A. M. 1960, "Plutarco e la tragedia greca": *Dioniso* 34 125-142.

Venini, P. 1974, "Sulle *Vite* suetoniane di Galba, Otone e Vitellio": *RIL* 108 991-1014.

Venini, P. 1977, *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio.* Con comm., Torino, Paravia.

Wellesley, K. 2000, *The year of the four emperors*, with a new introduction by B. Levick, London / New York, Routledge (3ª ed.).

Índice de nomes

Volumes publicados na *Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Gregos*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: Plutarco. *Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).

13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3000 Coimbra

Depois da morte de Nero, o último representante da dinastia dos Júlio-Cláudios, em Junho de 68 d.C., o Império Romano entrou em crise. Os conflitos, que se estenderam por ano e meio, geraram quatro imperadores, que desfilaram no Palatino como actores num palco: Galba, Otão, Vitélio e, por fim, Vespasiano, o único que se impôs e deu início à dinastia dos Flávios. Plutarco atribui esta instabilidade aos soldados, que colocavam a satisfação da sua cobiça à frente dos juramentos prestados. Nestas duas *Vidas*, assistimos à aclamação de Galba, na Hispânia; ao golpe de Otão, aclamado em Roma pelos pretorianos; e à vitória de Vitélio, que os exércitos da Germânia tinham, por sua vez, aclamado.
As *Vidas de Galba e Otão* representam a porção que sobreviveu na íntegra das *Vidas dos Césares* de Plutarco – colectânea que abarcaria os sucessivos imperadores romanos, a começar em Augusto e a terminar em Vitélio.